

VERÔNICA VOLPATO

**Levantamento do patrimônio
arquitetônico de Capão Bonito**

Volume I

Capão Bonito

Mai de 2022



Demolição de casarão centenário na Rua Geral Carneiro – Foto: Veronica Volpato. Capão Bonito, 2023

Agradecimentos

Manifesto meu agradecimento à Freguesia Velha Museu da Imagem, por compartilharem suas pesquisas e guardarem nossa memória, ao José Carlos Tallarico Neto, por compreender a importância dessa pesquisa, ao Alexandre Mendes, pelo incentivo, ao João Matarazzo Sobrinho, pelas conversas e pelas imagens, ao Seu Assis, por me receber e mostrar seu acervo de fotografias, à Dona Alice, por ter aberto os caminhos e ter registrado sua pesquisa sobre as origens do município no livro “Capão Bonito, veredas da fé”, ao Pedro Paulo, pela gentileza, ao Diogo Coelho, pelas trocas rápidas, mas frutíferas, ao Diego e à Cidinha da Ação Católica, pelo acolhimento, à Gabriela Ramos, pela generosidade, ao Cirilo, por estar sempre disposto a contribuir, ao Carlos Bertoni, tabelião do cartório de registro de imóveis, que me permitiu a pesquisa nos livros antigos, ao Alexandre Oliveira de Assunção, funcionário do mesmo cartório, pelo imenso apoio na pesquisa, ao tabelião Joel Milton Ferraz e à Tânia, pelo apoio na pesquisa, à Marlene, ao Flávio e ao Marcelo Ozi, por me receberem, à Stephani Fabiane R. Macedo Santos, por compartilhar seu trabalho comigo, ao meu tio Marco Citadini, pelos contatos, conversas e disponibilização do acervo do jornal “O Expresso”, ao Seu Abner, tão gentil em contar sua história, à Maria de Fátima Queiroz, diretora da Escola Jacyra, pela abertura e colaboração, ao professor Lucas Barros, por compartilhar comigo o entusiasmo das descobertas, à Isabel Sacco, por me receber em sua casa, ao Bruno e à Aretuza Bloes, pela dedicação e envolvimento, ao Carlos Eduardo Souza Queiroz, pela contribuição e pelas conversas cheias de risadas, à Janaína Faia, por ampliar as possibilidades da pesquisa muito além do que eu podia imaginar. Agradeço as famílias que abriram suas casas e me contaram suas histórias: Bernadeth Gomes Faia, prestativa e vibrante, Perinha Bloes, sempre doce e afetuosa e às queridas irmãs Cidinha, Ditinha, Celeste e Lourdes Maria Vaz e Melyssa Vaz. Em especial ao Lucas do Amaral Afonso, por organizar, corrigir, revisar e existir.

Apresentação

A realização deste trabalho de pesquisa foi possível através da parceria com a Associação Comunitária Flor do Panema e da emenda impositiva do vereador Neto Tallarico, quem compreendeu a importância e a urgência desse levantamento.

O constante desaparecimento de construções antigas da nossa cidade foi o primeiro impulso para um trabalho de pesquisa sobre o que ainda resta em pé. Paralelo a esse desconforto diante desse desaparecimento, fui descobrindo o patrimônio local, que vai desde a arquitetura até natureza, imensurável riqueza protegida pelos parques da nossa região, passando pela gastronomia e pela música. Essa descoberta está longe de se esgotar, enquanto a urgência para o registro e proteção da nossa cultura cresce e se espalha entre a população. Desde o início dessa pesquisa, tenho encontrado cada vez mais eco para esse olhar e posso afirmar que a tristeza que sinto quando uma árvore centenária é cortada e uma casa antiga demolida, é compartilhada pela população capão bonitense.

Com raras exceções, posso dizer que sempre fui recebida de braços abertos por todos que contribuíram para a construção desse trabalho, sempre enfatizando a importância de preservar e relembrar nossa história- e devo dizer que esse trabalho é uma construção coletiva. Muitos foram os desafios para a compilação de informações e documentos que pudessem contar sobre a vida de cada construção. Não há arquivo organizado sob cuidado do poder público e, é importante apontar, o Arquivo Morto Municipal ardeu em chamas em dezembro de 2022 e pouco se falou sobre o assunto.

Não existe um museu ou casa de memória que recupere e mantenha fotografias, ilustrações, jornais, objetos ou móveis. O pequeno acervo que existe está se tornando casa vez menor, pois nunca foi restaurado de maneira adequada- lembrando que pintura não é restauro- e não há sequer um local ou embalagens que possam proteger o que sobrou. Sim, são sobras o que hoje nos resta desse acervo público. Por nunca ter sido sequer catalogado, muitas peças sumiram, desapareceram ou se desfizeram por falta de cuidado. A Biblioteca Municipal, que poderia construir um acervo de documentação, não tem sequer um bibliotecário responsável por ela. Até hoje nunca houve um plano de preservação da nossa memória, mesmo o município tendo a pretensão de ser destino turístico, pouco se faz para recuperar, preservar e difundir sua cultura.

Por tudo isso, foi bastante difícil encontrar documentos que possam comprovar o que se ouve sobre um prédio ou outro e mesmo assim, espero que o que essa pesquisa compilou, possa contribuir contra o esquecimento e apagamento da nossa história local.

Importante considerar, por outro lado, que em todo processo de construção e reconstrução de memória é imprescindível ouvir a população, ou seja, os agentes sociais. Já não cabe mais que o poder público tome decisões hierárquicas sobre o que é ou não um bem patrimonial sem que se mantenha um diálogo com a comunidade. Existem muitos exemplos no Brasil e fora dele, de bens patrimoniais que só se mantem com significado, se a comunidade for a fonte do significado dado a ele. Esse trabalho de pesquisa só foi possível por conta dos pequenos acervos particulares de fotografia, da memória dos mais velhos dos grupos de rede social que trocam lembranças e dos guardiões da tradição oral.

Sumário

Breve histórico do município	1
Igreja Matriz	6
Ação Católica.....	16
Residência e Comércio Família Vaz	27
Residência Família Barreto Gomes	36
Centro Espírita Pedro Paulo	42
Fecularia Franco LTDA.....	45
Centro Quero Vida.....	51
Cemitério Nhô Felix	59
Coreto	68
E.M. Profª Jacyra Landim Stori	78
Sec. Municipal de Educação.....	76

Breve histórico do município



Entrada da gruta — Capão Bonito

Antiga gruta de calcário, conhecido como gruta do Sumidouro, foi destruída pela Itabira nos anos de 1970. Fotografia do relatório da Comissão Geográfica e Geológica de 1927.

Localizada na Serra de Paranapiacaba e habitada por indígenas (possivelmente Guaranis e posteriormente os Kaigangs) por milhares de anos até a chegada dos portugueses e espanhóis. O povoado se originou com a mineração do ouro, cujo primeiro registro data de 1717 e é referido como Minas do Paranapanema. Depois da exploração do ouro, a economia desenvolveu-se em torno das rotas do tropeirismo, pela mineração e atualmente estabeleceu-se na agricultura e serviços.

Da ocupação do então denominado Arraial Velho, com registros de 1735¹ (1746²), o Padre

Manoel Luiz Vergueiro pediu ao Vigário Geral a transferência do povoado para uma localidade entre os córregos Lavapés e Ribeirão do Chapéu. O povoado, até então chamado de Arraial Velho, foi transferido mais ao norte e passou a ser denominado Freguesia Velha. Em 1843 o assentamento se afasta definitivamente das minas auríferas para local doado por Pedro Xavier dos Passos (conhecido como Sucury), onde hoje se encontra a cidade e passou então a ser chamado de Capão Bonito do Paranapanema³. A freguesia foi elevada a município no dia 02 de abril de 1857.

¹<https://turismo.ribeiraogrande.sp.gov.br/historia/>

² Olivati, Alice Dias Daniel. Capão Bonito, Veredas da Fé, pg. 10

³ Lei n. 3 de 24 de Janeiro de 1843.

Localizada próxima ao “Caminho de Coritiba”, a cidade também era procurada para o pouso dos homens que faziam a rota trazendo sua mercadoria para ser vendida no mercado de Sorocaba. A cultura tropeira ainda é fortemente vivenciada nos dias de hoje.

Capão Bonito foi palco das principais batalhas da Revolução de 1932, entre elas o Combate do Cerrado entre 16 e 19 de setembro e a última batalha do conflito, que aconteceu no bairro rural do Taquaral Abaixo entre 30 de setembro e 2 de outubro.

Hoje a cidade tem como destaque econômico a produção agrícola de soja e milho, e a indústria de celulose. Até recentemente exportava um granito de cor predominantemente rosada, resistente ao sol e a água, denominado Granito Capão Bonito.⁴

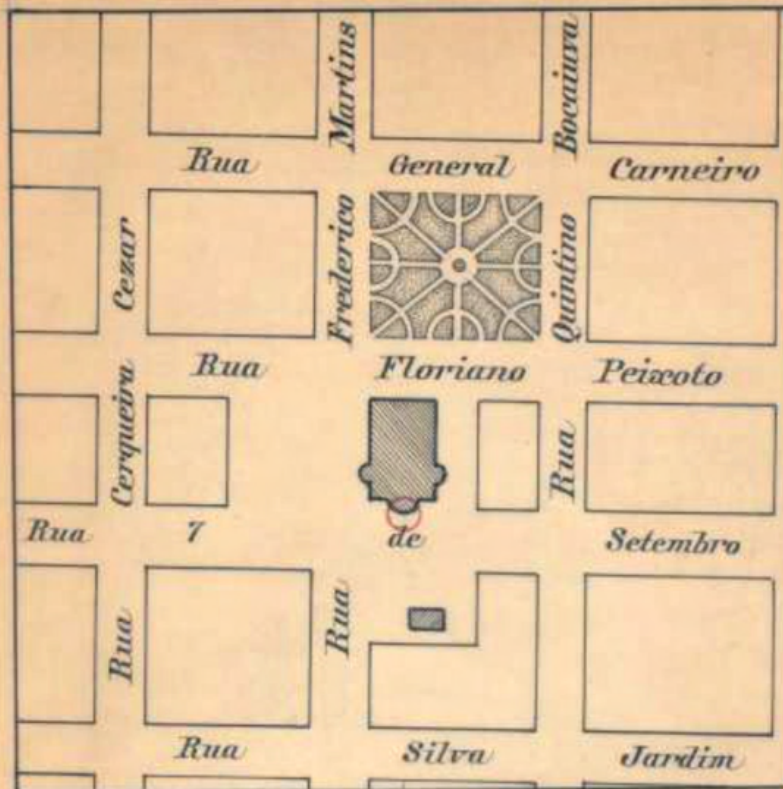
Com forte potencial turístico, o município é considerado Portal da Mata Atlântica e tem dentro do seu território o Parque Estadual do Alto do Paranapanema (PENAP), onde se encontra a nascente desse rio.

Encontra-se no município sítios arqueológicos, como por exemplo os Encanados - construção em pedra com desvio dos braços do rio Paranapanema que são vestígios da época de mineração e da escravidão - e sítios com indícios dos habitantes ameríndios na região.



Recorte do jornal O Malho, 1915. Nessa época, a igreja de duas torres já não existia e a versão atual estava em construção.

⁴ O granito Capão Bonito é uma rocha natural composta por grãos de quartzo, feldspato e mica escura (biotita) https://rigeo.cprm.gov.br/jspui/bitstream/doc/990/1/Evento_CGQ02T13.pdf



CAPÃO BONITO

REFERÊNCIA
NA TORRE DA IGREJA MATRIZ

LATITUDE 24°00'14".0

LONGITUDE 48°20'54".1

OBS:-L.TALIBERTI

SETEMBRO DE 1939

Croquis de localização de marco de coordenação geográficas, Instituto Geográfico Cartográfico, 1939.



Fotografia aérea atribuída a Oscar Kurtz. Na rara imagem é possível ver a máquina beneficiadora de algodão São José, a fábrica de farinha, a Ação Católica, o cinema São José, o Centro Espírita Pedro Paulo. Entre final da década de 1960 e início de 1970.

Anno de 1843. .

LEI N. 1—DE 23 DE JANEIRO DE 1843.

José Carlos Pereira d'Almeida Torres, Presidente etc.

Art. Unico. O Presidente da Provincia é autorizado para continuar a manter no decurso do corrente anno financeiro a mesma Força Provincial, decretada na Lei n. 14 de 25 de Fevereiro de 1841; derogadas todas as Leis em contrario.

LEI N. 2—DE 23 DE JANEIRO DE 1843.

José Carlos Pereira d'Almeida Torres, Presidente etc.

Art. Unico. O Presidente da Provincia é autorizado para continuar a arrecadar as rendas, e fazer todas as despesas provincianas no corrente anno financeiro, regulando-se pela Lei n. 25 de 23 de Março de 1841; e poderá despende até a quantia de cinco contos de réis com a Serra da Maioridade; derogadas todas as disposições em contrario.

LEI N. 3—DE 24 DE JANEIRO DE 1843.

José Carlos Pereira d'Almeida Torres, Presidente etc.

Art. Unico. O Governo Provincial é autorizado para remover a Freguezia de Paranapanêma pertencente ao Municipio de Itapeitinga, para local mais conveniente á commodidade do povo da mesma Freguezia, que edificará a nova Igreja Matriz á sua custa; revogadas quaesquer disposições em contrario.

LEI N. 4—DE 3 DE FEVEREIRO DE 1843.

Joaquim José Luiz de Souza, Presidente etc.

Art. 1.º Ficão approvadas as condições com que o Governo Provincial contractou a arrematação da estrada de Paranapanêma á Xiririca em data de 28 de Fevereiro de 1842, com as seguintes modificações. 1.ª A 2.ª condição é substituida pela seguinte— A estrada terá de largura 60 palmos (ou 80 quando o terreno assim exigir para ficar bem exposto ao Sol), sendo os 20 do centro fritos á enchada, e cortadas as raizes e tocos á flor da terra; e os



Documento da lei que autoriza a mudança da localidade da "Freguezia de Paranapanêma", 1843. Assembléa Legislativa do Estado de São Paulo

Igreja Matriz

Igreja Nossa Senhora Imaculada Conceição

Depois de mais de um século de povoamento, a comunidade finalmente foi assentada colocando fim a sua jornada pela estabilização em um território. Para marcar o início do novo período, o Tentente Coronel Frederico Martins de Araújo doou à Nossa Senhora da Conceição 150 braças quadradas de terra

(o equivalente hoje a 330 m²) na qual foi construída uma capela.⁵ A mudança definitiva da comunidade para o novo local foi celebrada com o traslado da imagem de Nossa Senhora da Conceição, em 21 de agosto de 1850, tendo sido celebrada no dia seguinte a primeira missa de Freguesia Nova de Nossa Senhora da Conceição do Paranapanema.



Construção da igreja Matriz no início do século XX. Autor desconhecido. Acervo Perinha Bloes.



Fotografia atribuída ao Padre Humberto de Sancti em 1912. Acervo do Museu de Arte Sacra.

Sob a iniciativa do cidadão José Soares de Almeida, considera-se o início da construção da primeira igreja da vila, quando este começou a construção da capela-mor em 1858, que ficou concluída em 1862. A construção do corpo da igreja se iniciou em 23 de dezembro de 1860, foi coberto em 1871 e finalizado em abril de 1872⁶, quando se retirou do interior da igreja a antiga capelinha. Em 1882 a paróquia é presentada pelo cidadão José Antônio Oliva com seu primeiro sino, pesando 66 quilos.

Pouco se sabe de fato sobre o motivo da igreja

⁵ OLIVATI, pg 17

⁶ Idem, p. 16.



Vista para a Igreja Matriz, por volta da década de 1950.
Autor desconhecido. Acervo Perinha Blóes.

ter sido substituída pela atual. De acordo com uma narrativa local, a base da construção não aguentou o peso da estrutura, que alguns supõe ter sido feita com a técnica de taipa⁷, técnica essa bastante sensível á água e umidade. Luis Francisco Rodrigues da Silva, dono de um grande acervo de vídeos da época em que dirigia uma produtora local, conta que seu bisavô, segundo ele nascido na década de sessenta do século XIX e falecido aos 112 anos e lúcido, lembrava-se da construção da igreja de duas torres. O local doado para a construção era um brejo, onde os construtores trabalhavam enlameados, tentando conter os

veios d'águas do terreno para construir alguma fundação possível para a futura igreja. Esse relato justificaria então a destruição da igreja de duas torres e a construção de uma igreja de apenas uma torre. Outros relatos apontam que a principal razão seria a intenção de construir uma torre maior, que seria o ponto mais alto da cidade.

Como o acesso ao livro tombo da Paróquia não foi autorizado, a investigação sobre esse assunto que se encontra vivo na narrativa local segue sem as devidas evidências factuais.

Relatos de jornais locais da época confirmam que a construção da igreja como se conhece hoje se iniciou na década de 1910. Notícia de 1915 relata; “Sob direção do Padre Humberto de Sancti (pároco entre 1915 e 1919), digno vigário da paróquia, prosseguem com rapidez as obras de reconstrução da nossa Matriz que há de muito vem necessitando

⁷ Não se sabe se taipa de pilão ou pau a pique.

de urgentes reparos”. No ano seguinte segue: “Prosseguem com rapidez e muita regularidade as obras de reconstrução da nossa Igreja Matriz. A parte exterior da nave lateral esquerda está prestes a ser concluída, assim como já estão iniciados outros muitos serviços em diversas partes do vasto templo. A execução das obras está a cargo de pessoas criteriosas e competentes que não têm poupado esforços para doar esta cidade de uma Igreja que esteja à altura dos sentimentos religiosos de sua população.” Na fachada acima do relógio, se vê a inscrição em números romanos que marca a data da finalização da obra como 1920. Já as famosas pinturas de Ernesto Thomazini foram feitas no início da década de 1930, portanto, pelo menos 10 anos depois da data inscrita na fachada. O jornal A Gazeta publicou o contrato de serviço na edição de 28 de Abril de 1932: “Contrato de locação de serviços - Pelo presente instrumento particular, entres partes - como primeiro contratante o Sr Ernesto Thomazini, brasileiro, maior, pintor e decorador, residente em Sorocaba e como segunda contratante a Comissão de Obras da Igreja desta cidade, composta dos srs P. Dr. Antonio Brunetti, Vigário da Paróquia, José Basílio Mendes, João Venturelli”. Ainda no mesmo ano o jornal relata a presença de um assistente, o sorocabano Brasília Chiafiteli.

Altar de mármore, vitrais e lustres artesanais, porta frontal dupla entalhada, sinos de mais de meia tonelada e uma única torre de 30 metros de altura. Ao término de sua construção, a atual igreja matriz foi considerada uma das mais bonitas da região.

Seria necessário um livro exclusivo para descrever as relíquias, segredos e significados das peças que a matriz contém, assim como as pessoas e famílias que fizeram parte dessa construção, com doações em dinheiro e de peças especiais. Nesse relatório é possível abordar apenas alguns destaques.

A igreja contém três altares: o altar central- que depois do Concílio Vaticano II passou a conter 2 altares centrais com o mesmo significado - o altar lateral direito, consagrada ao Sagrado Coração de Jesus, e o altar Mariano, dedicado á Nossa Senhora do Rosário. A direita também se encontra a Capela do Santíssimo, lindamente ornamentada, com pinturas de riqueza simbólica e local de oração bastante frequentado.

Além das pinturas de Ernesto Thomazini, pode-se observar obras de Chico de Almeida e restaurações feitas por Francisco Honorato de Almeida Filho.



Detalhe de alto relevo na porta de entrada, produzida pela Escola Profissional Dom Bosco, localizada no Bom Retiro.



A pia batismal, infelizmente não mais utilizada hoje em dia, está localizada a esquerda, logo após a entrada da igreja. Sua localização indica o batismo como o primeiro sacramento católico.



Imagem de Santa Cecília, padroeira dos músicos.



Brasão Hieráldico do Papa Pio XI, pontificado em 1922 até 1939.



Pintura de Ernesto Thomazzi, década de 1930.



Vista do interior da igreja a partir do ambão.



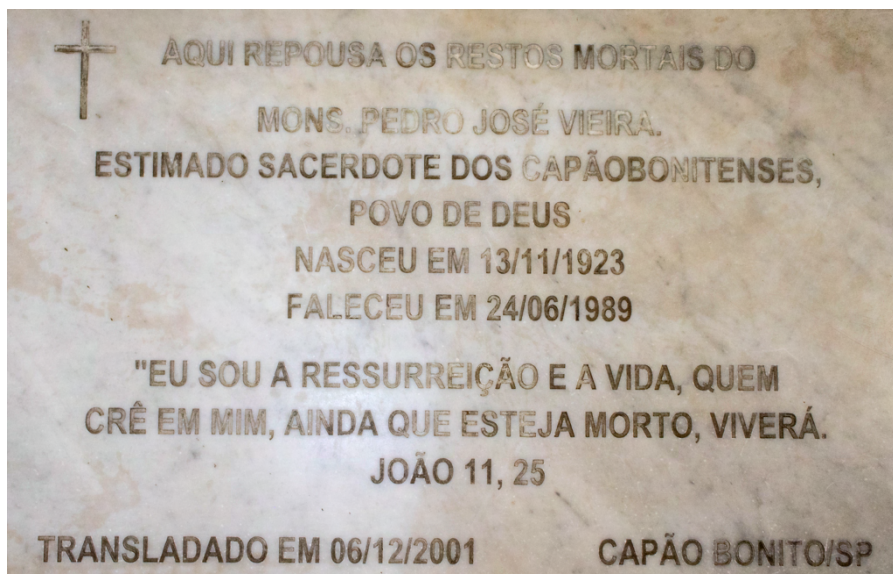
O ambão, pequeno palco onde é proclamado o evangelho durante a missa, é feito de granito e sobre suas baterias é possível visualizar Pedro e Paulo em cobre. Pedro com as chaves do céu, Paulo com a espada que representa seu martírio e a bíblia, que foi defendida por ele avidamente após sua conversão. 2022.



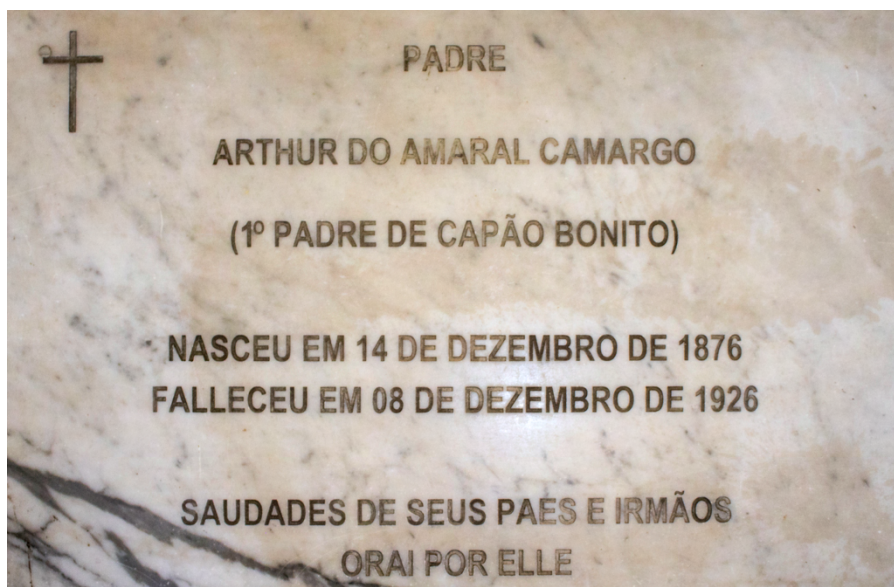
Cena de Adão e Eva em alto relevo no altar mór.



Local ao pé do altar consagrado a Maria, onde se encontram a relíquia dos ossos da Santa Paulina.



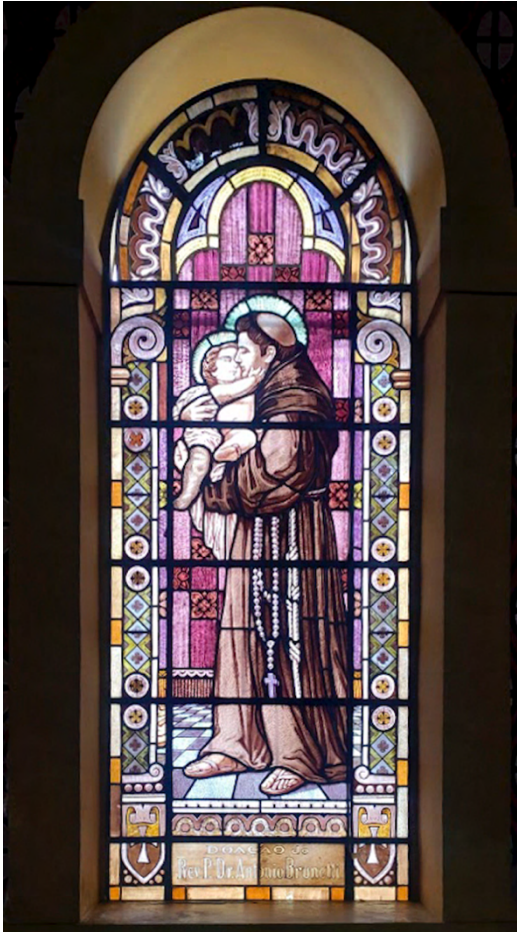
Placa que indica os restos mortais do Monsenhor Pedro José Vieira.



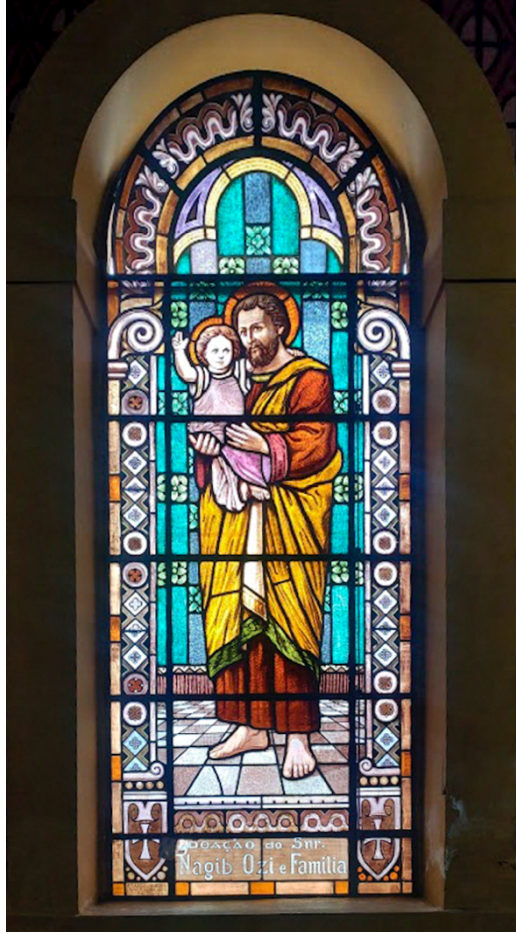
Placa que indica os restos mortais do Monsenhor Pedro José Vieira.



Relíquia dos ossos de S. Pedro Apóstolo.



Vitral doado pelo Padre Antônio Brunetti, atuante entre 1932 e 1934.



Vitral doado por Nagib Ozi e família.

Ação Católica



Ação Católica, final da década de 1950, autor desconhecido.

Quando foi concluído, na segunda metade da década de 1950, o prédio da Ação Católica era o segundo mais alto do município, sendo o primeiro, o prédio da Igreja Matriz da Nossa Senhora da Conceição. Construído a partir da idealização do Cônego Luis de Almeida Morais (pároco entre 1947 e 1957), que procurava uma fonte de recursos para o Asilo São Vicente de Paula, o imóvel foi construído pelas mãos da Congregação Mariana⁸. No primeiro pavimento estariam localizados os escritórios (função que permanece até hoje), porém, antes mesmo do fim da obra, destinou-se um espaço do térreo para o Cine Beneficente São Luiz. O segundo pavimento continha sala para reuniões e cursos (como a catequese, que também é mantida até hoje) e o último pavimento tinha a função de albergue para as famílias da zona rural que viessem à cidade na ocasião das festividades religiosas, embora não haja relatos de que tenha cumprido essa função.

Na entrada do primeiro pavimento, onde hoje se localiza a Livraria João Paulo II, são visíveis os três arcos sustentados por dois pilares centrais e os cunhais laterais, que nos primeiros anos marcavam o vão de acesso ao Cinema São Luiz. Na lateral encontra-se a porta de acesso ao escritório paroquial (sala do padre) e sacristia. A entrada deste acesso

⁸ Congregação Mariana é uma associação pública de leigos católicos. É formada por cristãos católicos que procuram seguir o Cristianismo através de uma vida consagrada a Virgem Maria.

leva ao longo corredor o qual originalmente era um belo pórtico ou arcada com oito arcos plenos, que foram fechados, dando espaço a janelas de vitrôs. A fachada do segundo pavimento contém uma varanda com porta de acesso e duas janelas. Nesse pavimento encontra-se a antiga sala de projeção e o salão do cinema, com piso de taco e marcas de um antigo palco. O salão tem mais de 50 m² e poderia receber até 300 espectadores. Hoje, parte do segundo pavimento está ocupado pelo Museu de Arte Sacra, inaugurado em 2001 e dividido em duas salas, que se encontram, infelizmente, fechadas há mais de uma década. Do terceiro pavimento, cuja fachada portava a inscrição “Ação Católica”, dois pináculos em formato de urna e uma abertura que poderia servir de oratório, restou uma pequena sala com pé direito de 1,80m. Junto ao telhado de quatro águas, esse andar, que por um período foi ocupado por jovens numa espécie de salão de jogos, foi demolido possivelmente por problemas estruturais e conferindo ao prédio a aparência atual.

João Blóes (1942-2006)



João Blóes numa plateia de cinema. Sem data. Acervo Perinha Blóes.

João Sennen Bloes foi uma figura marcante e um entusiasta do cinema em Capão Bonito e na região. Foi no Cine São Luiz, idealizado pelo fotógrafo Alfredo Duarte, o Didico, que o filho

de imigrante italiano teve o primeiro contato com o cinema, ainda adolescente. Ele e Bingo, filho de Didico, auxiliavam em todos os processos: “Eu tralhava com o Bingo, enrolava filmes, ajudava a pintar os cartazes que anunciavam os filmes e o interessante é que todo o pessoal – do lanterninha Chico Honorato, ao seu Didico, todos trabalhavam sem remuneração”.⁹ O cinema operava com projetor 16mm, inferior ao 35 mm do Cine

⁹ Jornal O Expresso, Capão Bonito, 8 de janeiro de 1994.

São José, localizado na rua General Carneiro. Mesmo assim, as filas dos dois cinemas eram enormes e o negócio era rentável. Na década de 1970, Blóes comprou do antigo colega Bingo o Cine Ringo, em Guapiara e mais tarde arrendou de uma só vez os dois cinemas de Capão Bonito, que naquela época pertenciam ambos à Igreja Católica. “Trabalhei como programador dos dois, dividindo os estilos. Enquanto no São Luiz passava os chamados filmes de elite, lá embaixo (no São José) exibia as produções para o povão, os que davam mesmo dinheiro”, afirmou João Blóes. Além dos cinemas em Guapiara e Capão Bonito, o fotógrafo também empreendeu em Itararé e São Miguel Arcanjo. Com a chegada do vídeo cassete o cinema deixou de ser popular e as salas foram fechadas. Como um último suspiro, no início dos anos de 1980 Bloes levou seu equipamento na praça Cunha Bueno e ofereceu a população local o cinema na praça, que atendeu enorme número de pessoas. Bloes era apaixonado pelo seu trabalho e continuou como fotógrafo, empreendendo na cinematografia (VHS). Aos 64 anos de idade deixou sua esposa, 3 filhos e um acervo a ser descoberto.



Prédio com versão original, telhado em 4 águas. Pináculo lateral com 8 arcos plenos. Possivelmente 1958.



Imagem da década de 1970. É possível identificar os dois pináculos laterais.



“Vista da Ação Católica de Capão Bonito”. Final da década de 1950.



Cartaz dos Cine São Luiz e Cine São José.
A partir da segunda metade de 1960.
Acervo Museu de Arte Sacra



Sala do Cine São Luiz. Início da década de 1960. Autor desconhecido. Acervo João Matarazzo.



Mulheres de um lado, homens de outro, mas o programa era sempre o mesmo - ir ao cinema para ver ídolos como John Wayne.

Recorte do jornal O Expresso de 1994 mostra sessão com filme de John Wayne "Lenda dos Desaparecidos" lançado em 1957.



Obras do prédio na década de 1950. Autor desconhecido. Acervo Assis.



Cônego Luis, o prefeito Oscar Kurtz de terno e gravata) e os obreiros. Atrás é visível o prédio da cadeia pública, onde também funcionava o fórum. Década de 1950. Autor desconhecido. Acervo Assis.



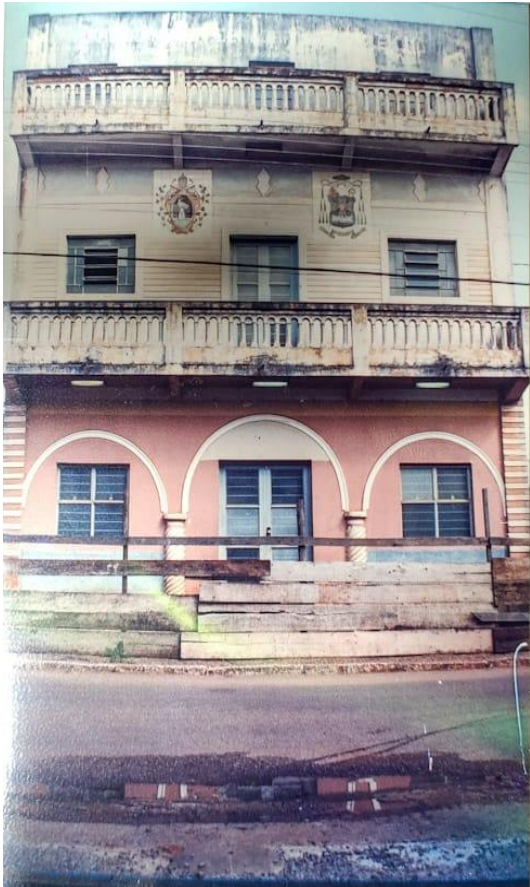
Obras do prédio na década de 1950, com vista para a igreja matriz. Autor desconhecido. Acervo Assis



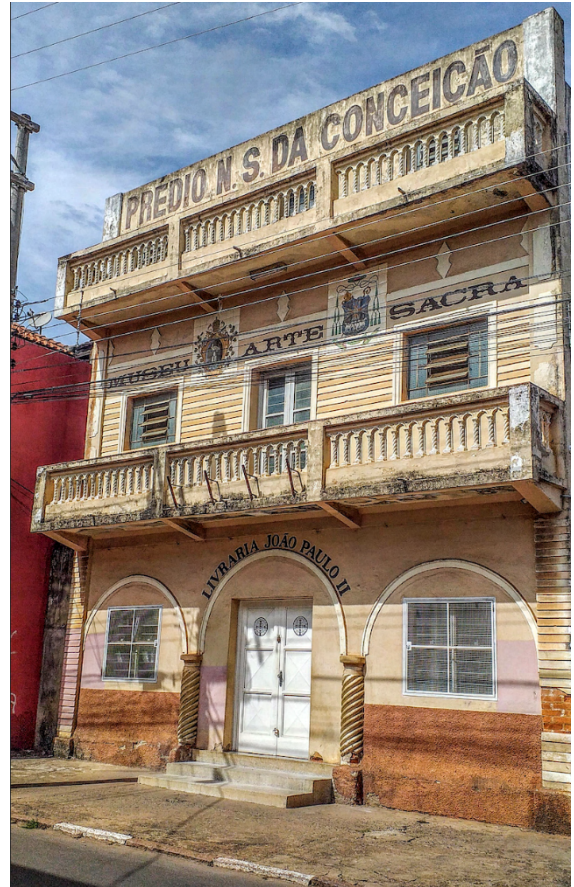
Trabalhadores na construção, década de 1950. Autor desconhecido. Acervo Assis.



Obras do prédio na década de 1950, com visão das ruas 7 de setembro e Quintino Bocaiuva. Autor desconhecido. Acervo Assis.



Construção sem o último pavimento e com os brasões acrescentados pelo Monsenhor Pedro. Autor João Blóes, 1977. Acervo Perinha Blóes.



Aparência atual do prédio da Ação Católica. Foto: Verônica Volpato, 2022.



População assistindo o cinema na praça. Ao fundo vê o barraco onde ficavam os enormes projetores. Início dos anos 1980. Autor desconhecido. Acervo Perinha Blóes.

Residência e Comércio Família Vaz



Fachada da Residência e Comércio Família Vaz. Foto: Verônica Volpato, 2022.

Foram encontradas três construções cujas fachadas apresentam a data de edificação anterior ao ano de 1950. Duas delas pertencem à família Vaz e a mais antiga está localizada na esquina da rua Silva Jardim com a rua Saldanha Marinho e, por mais de quatro décadas, foi comércio do senhor Benedito Vaz (filho de Satyro Vaz).

Sua estética singular pode passar despercebida por trás dos letreiros e

luminosos de duas lojas que hoje abriga. Um olhar mais atento revela o motivo geométrico marcante da platibanda¹⁰ que se alonga na fachada em direção às duas ruas que faz esquina. Originalmente construída para evitar que as águas da chuva caíssem sobre a calçada, a platibanda começou a ser aplicada no Brasil na metade do século XIX, rompendo com o estilo colonial que predominava até então¹¹. Sua consolidação foi influenciada pela instituição do Código de Conduta de São Paulo, que a trouxe em

¹⁰ Faixa de extensão que oculta o telhado, calha, caixa d'água e outros elementos de uma construção

¹¹ <https://revistacontinente.com.br/edicoes/125/fachadas-liricas-e-coloridas>

1886¹², na qual sua utilização permitiu uma variedade de possibilidades, ornamentos, aplicação de azulejos e desenhos de vários motivos, muitas vezes delegados à criatividade do mestre de obras.

Em Capão Bonito existem mais de uma centena de exemplos de casas com platibandas das mais variadas cores e formatos. A construção, que hoje é exclusivamente usada como ponto comercial, constitui uma unidade formal conferida pelo desenho da platibanda única na cidade. A fachada, porém, está pintada em 3 blocos de 3 cores diferentes, provavelmente a marca que divide a edificação em 3 lojas independentes.

ARMARINHOS E FAZENDAS:

Abilio Mendes.
Benedicto F. Vaz.
Domingos Fernandes Ferreira.
Eugenio Hipolito de Queiroz.
F. Cacciacarro & Filho.
Francisco Domingues Queiroz.
João Galdino Almeida.
Julio S. Galvão.
Michel Asad.
Pedro Ferreira Vaz.
Pedro de Oliveira Ramos.
Salcmão Isac.

Lista de comércio em Capão Bonito publicada no Almanak Laemmert em 1936, onde consta o nome de Benedicto F. Vaz.

Dona Ditinha, a filha mais velha de Benedito Vaz e Francisca Ramos Vaz (filha do Coronel Pedro Ramos de Oliveira), conta com muita disposição e cordialidade a história do imóvel. Em 1930, seu pai, que era comerciante, comprou o ponto de uma família que se mudou para Itapetininga. Lá ele instalou seu armazém de secos e molhados onde vendia fumo, pelego, bala, chapéu de palha, chita, enxada, facão e outros utensílios. Dois anos depois, já enamorado de dona Francisca, a ameaça da chegada das tropas do Sul durante a Guerra de 32 fez com que se casassem às pressas e fugissem para Itapetininga. Quem pôde, fugiu, quem não pôde, se escondeu. Antes de partir, seu Benedito escondeu uma grande parte da sua mercadoria no forro da loja e, ao voltar, diante de uma cidade saqueada, ele foi um dos únicos a ter algum produto para oferecer à população, sobretudo os tecidos. "Papai pôs as mercadorias no chão da loja e fez um

Para cada loja há pelo menos uma porta de acesso, das quais não fazem parte da construção original. Na rua Silva Jardim distingue-se uma porta de mais de 2 metros de altura, em ferro, pintada de azul claro. Acima da porta há duas bandeiras¹³, a mais alta em formato de arco com ferragem em motivos orgânicos e é nela que se lê a inscrição "I E G", datada como "1912".

¹² Código de Conduta foi criado para modernizar a organização urbana da cidade de São Paulo, assim como seus costumes.

¹³ Uma bandeira é uma janela fixa posicionada sobre portas ou outras janelas de uma construção

tipo de saldão (...) Papai fez um capital e emprestou dinheiro pra muita gente (...) foi o primeiro banco de Capão Bonito”, afirmou Dona Ditinha.

Da construção original de 1912 restou a fachada e a porta. Além de armazém, a construção serviu também como residência da família, onde nasceram três filhas do casal: Ditinha, Cidinha e Celeste. Lourdes Maria, a caçula, nasceu na casa construída na praça da Matriz, concluída em 1949, onde até hoje mora.

A residência da família Vaz é a última residência com características do estilo eclético totalmente preservadas no centro da cidade de Capão Bonito. A paisagem ao redor da praça da Matriz se encontra quase totalmente descaracterizada, por isso o sobrado se destaca visivelmente das construções ao seu redor, mantendo sua fachada como era originalmente. Diferentemente de outras construções daquela época ainda existentes na cidade, a casa é muito mais ornamentada do que suas contemporâneas, indicando o status social da família que a construiu. A casa em alvenaria foi construída geminada com suas vizinhas, característica típica das casas urbanas da época, assim como o quintal alongado ao fundo. Está pintada de branco e azul, cor que, segundo dona Ditinha, eram as originais. O parapeito da sacada apresenta balaústre geométrico. Acima do beiral da entrada está inscrita a data da construção: 1949. A platibanda é assimétrica, sendo a da direita ornamentada com uma cruz e formas que remetem a *art déco*. Essas formas estão presentes no ornamento abaixo da janela do segundo andar e acima da janela do térreo, assim como no ornamento presente do lado esquerdo da sacada do quarto frontal. Esse é o único ornamento que se repete numa fachada assimétrica e única, que demonstra a intencionalidade no desenho original e distinto. Sem dúvidas é a melhor representação do estilo eclético brasileiro presente na cidade.



Detalhe do ornamento em estilo *art déco* abaixo do parapeito da janela, ornamento em medalhão entre a esquadria e a platibanda. Foto: Verônica Volpato: 2022



Detalhe da data na fachada. Foto: Verônica Volpato, 2022.



Detalhe de voluta (forma em espiral) na varanda. Foto: Verônica Volpato, 2022.



Cinquentenário da imigração japonesa, 1958. A esquerda é possível ver a residência da Família Vaz. Autor desconhecido. Acervo Hideo Takami.



Desfile Cívico. Sem data. Autor desconhecido. Acervo Hideo Takami.



Vista sobre a rua Cerqueira Cesar. Acima à direita é possível ver o cine São José. Possivelmente década de 1950. Autor desconhecido. Acervo Junior Tallarico.



Retrato de Benedito Vaz e Francisca Ramos Vaz.



Comércio da família Vaz, antigo Armazém de Secos e Molhados de Benedito Vaz. Vista da rua Silva Jardim. Foto: Verônica Volpato, 2023.



Detalhe da placa de numeração da rua Saldanha Marinho. Foto: Verônica Volpato, 2023.



Detalhe da platibanda com motivo geométrico. Foto: Verônica Volpato, 2023.



Porta de acesso pela rua Silva Jardim, com as duas bandeiras, sendo a mais alta em arco pleno. Foto: Verônica Volpato, 2023.



Detalhe da inscrição com data, o que prova que a construção completa em 2023, 111 anos, Foto: Verônica Volpato, 2023.

Residência Família Barreto Gomes



Casa geminada com interior espelhado. Foto: Verônica Volpato, 2022.

O casarão da rua Silva Jardim consiste em duas residências geminadas que compartilham o mesmo telhado de quatro águas e, apesar de serem duas, constituem uma mesma construção. Está localizada na esquina com a rua 24 de fevereiro, num perímetro que concentra provavelmente o maior número de construções antigas da cidade

A bela residência, muito bem conservada pela família Gomes, chama a atenção pelo estilo neocolonial bastante característico. O pé direito é alto e, como era comum nesse tipo de residência, as portas internas tem bandeiras para proporcionar maior luminosidade aos cômodos, assim como as altas janelas que dão para a rua, hoje protegidas com grades de ferro. As portas de folha dupla são de madeira e contém duas bandeiras, sendo a mais alta com motivo vazado e entrelaçado. Portas e janelas apresentam esquadrias tradicionais com verga em arco abatido. O embasamento se eleva a quase um metro numa textura de chapisco grosso cuja cor é a mesma da moldura que envolve as janelas e as duas portas de entrada, um tom escuro de rosa quartzo.

Envolta por muito tempo em especulações acerca de sua idade, origem e seu contexto, a casa é chamada por alguns de casa das irmãs Jardim, presumindo-se que foi propriedade das tais irmãs.

Segundo dona Isabel Sacco, existiu de fato uma família Jardim na zona rural de Capão Bonito. Durante a pesquisa, foi encontrada uma transcrição de compra e venda deste imóvel datada de 1931 cujo comprador era Francisco Rodrigues Jardim e sua esposa Gertrudes Rodrigues Jardim, e o vendedor era Paulino José Xavier e esposa Rita Xavier de Oliveira. Não se sabe a partir de quando a casa passou a pertencer ao viúvo italiano João Arcanjo de Oliva. Sabemos que foi doada por ele em 1948 ao seu genro Amantino Cezario de Oliveira Ramos, comerciante e oficial de registro de hipoteca, casado com Maria Angelina



Telhas originais do tipo calha e canal. Foto: Verônica Volpato: 2022

Ramos (em alguns documentos chamada de Maria Angelina Oliva). Amantino e Maria tiveram duas filhas, Filomena Ramos Freitas e Maria Ramos Barreto. A primeira casou-se com o cirurgião dentista Péricles Freitas e passaram a morar na casa da direita, número 562, onde nasceu dona Isabel Sacco, filha do casal. Maria Ramos Barreto casou-se com Faustino Cesarino Barreto e faleceu jovem, deixando órfãs suas duas filhas: Maria Angelina Barreto e Isaura Barreto, mãe de Maria Bernadeth Gomes Faia, cujas filhas, hoje residem no casarão. Quando Isaura se casou com Jair Gomes e ele montou o Posto do Velho, as condições financeiras da família melhoraram e uma reforma foi feita no interior do casarão.

Amantino foi por pouco tempo proprietário legal da casa. Cerca de três anos depois da primeira doação, o imóvel foi passado para as irmãs órfãs, sob a tutela do pai, Faustino- o que era a intenção de João Arcanjo Oliva desde o princípio. Segundo a história oral, João Grande, como era conhecido o belo homem dos olhos azuis, veio da Itália e aqui casou-se com uma viúva de muitas posses. Morava numa extensa área chamada Mangueira Velha cuja casa ficaria hoje entre a av. Gov. Lucas Nogueira Garcês e a rua das Pitangueiras. Durante a invasão das tropas gaúchas que saquearam a cidade em 1932, recusou-se a fugir por julgar que, por ser italiano, ele nada sofreria. Ao ficar, enfrentou a ira dos soldados e assistiu a destruição de tudo o que tinha construído: sua casa, as plantações de azeitona e castanhas, entre outras, incluindo uma videira e os tonéis de vinho que produzia. Por conta dos ferimentos e o choque que sofreu, ficou cego, perdeu parte da audição e não pode mais andar. A partir de então precisou de constantes

cuidados, que recebeu justamente de suas bisnetas. Antes de morrer repartiu seus bens entre familiares e amigos queridos.



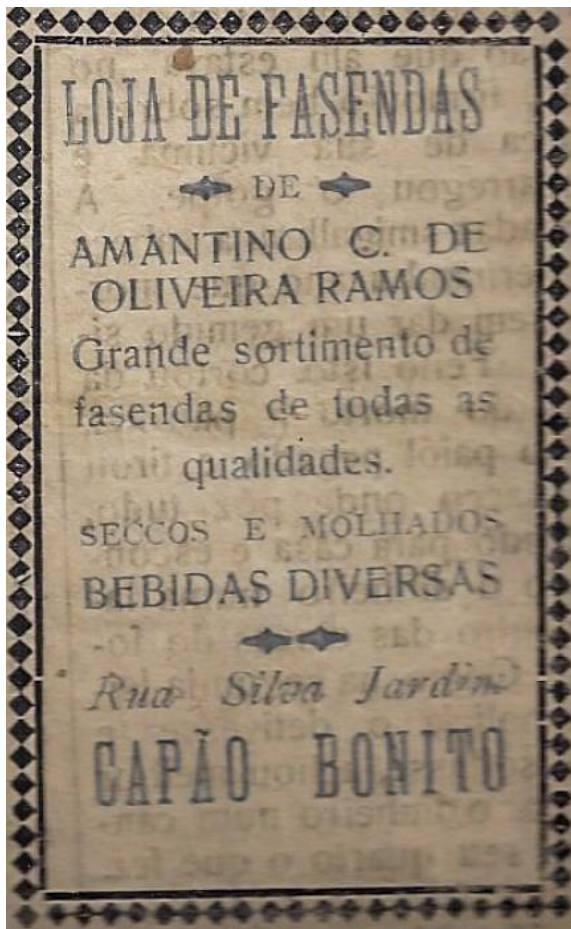
Esquina da rua 24 de fevereiro com a rua Silva Jardim. Foto: Verônica Volpato, 2022.



Amantino Cezario sentado no centro. A criança ao seu lado a é Bernadeth Gomes Faia. O segundo da esquerda para direita na primeira fileira é Faustino Barreto. A quarta da direita pra esquerda na terceira fileira é dona Isabel Sacco. Ano 1959. Acervo Isabel Sacco.



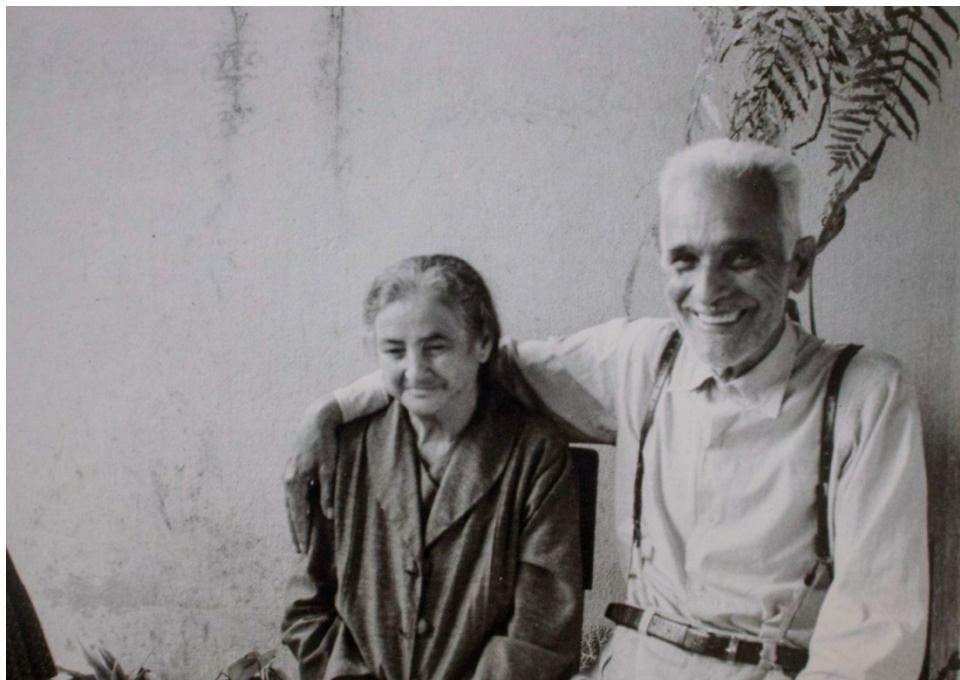
Carimbo de trabalho de Amantino Cezario de Oliveira Ramos. Acervo Jango Perna.



Anúncio de A Gazeta, década de 1930. Acervo Jornal Expresso.



Péricles Freitas ao centro e a casa da antiga Mangueira Velha ao fundo, onde morava João Archanjo Oliva. Sem data. Autor desconhecido. Acervo Isabel Sacco.



Retrato de Amantino de Oliveira Ramos e Maria Angelina Ramos. Sem data. Autor desconhecido. Acervo Isabel Sacco.



Isaura, Maria Angelina Barreto e Fernando Barreto de Alemida na cozinha da casa 566. O chão de ladrilho hidráulico e o padrão das paredes não existem mais. Início da década de 1970. Autor desconhecido. Acervo Bernadeth Gomes Faia.

Centro Espírita Pedro Paulo

Infelizmente, nenhuma documentação sobre o Centro Espírita Pedro Paulo foi encontrada durante essa pesquisa, com exceção de uma citação numa publicação impressa. Temos como fonte, mais uma vez, quase que exclusivamente a história oral, que nesse caso apresenta diferentes versões sobre a fundação desse espaço e dessa comunidade. Alguns contam que a data de fundação da associação do Centro é 1935 e aconteceu por iniciativa de um grupo que já existia e que era liderado por Faustino Barreto, mas não o ex-prefeito e sim, um tio dele. Os encontros aconteciam na sua residência e só mais tarde teria sido transferido para o local atual. Outras fontes dizem que da fundação do Centro participaram Antônio Rodolpho (filho do ex-prefeito do município Jacob Rodolfo¹⁴) e Antônia Minerva Rodolpho, pais de Clotildes Rodolpho Dias e cujos descendentes permanecem ativos na comunidade espírita. Seu Amantino Cesário de Oliveria Ramos e sua esposa também participaram da fundação do Centro Espírita, inclusive sendo ele o doador do terreno onde foi construído o local. Ambas as famílias, Antônio Rodolpho e Amantino, foram a São Paulo para estudar o espiritismo. Antônio enfrentava fenômenos estranhos e crises de amnésia. Seu Amantino queria ajudar a filha Filomena, a Dona Nenê, que desde criança apresentava sinais de forte mediunidade. As famílias se uniram então, para fundar o Centro Espírita Pedro Paulo, cuja sede definitiva foi concluída em 1940.

De arquitetura simples, mas bastante característica da época, a construção é um galpão com fachada cuja platibanda tem formato triangular, onde uma coluna central marca a simetria de ornamentos em linha reta, demarcando à esquerda a inscrição “CE” e a direita a data “1940”. Entre o muro e a entrada para a construção existem dois pequenos canteiros de flores. Depois do salão principal foram acrescentadas salas, banheiros e uma cozinha, onde são feitas semanalmente 100 marmitas para doação. Infelizmente não foram localizadas a ata de fundação ou atas mais antigas que possam contar a história dessa importante comunidade da nossa cidade.

¹⁴ Jacob Rodolfo foi prefeito em 1891 e em 1895. Disponível em: <https://capaobonito.sp.gov.br/galeria-de-prefeitos/>



Fachada. Foto: Verônica Volpato, 2022.



Fachada Foto: Verônica Volpato, 2022.



Detalhe da fachada “1940”. Foto: Verônica Volpato, 2022.



Detalhe da fachada. Foto: Verônica Volpato, 2022.

SARINHAO ISAC.
ASSOCIAÇÕES:
Apostolado da Oração.
Asilo S. Vicente de Paula.
C. A. Independencia.
Capão Bonito F. Club.
Centro E. Pedro e Paulo.
Corp. Musical 9 de Julho.
Corp. Musical 7 de Setembro.
Club R. Commercial.
Club Recreativo C. Bonito.
Congregação Mariana.
Coni. Vicentina.
Elite F. Club.
Liga Eucharistica.
S. Damas de Caridade.

Recorte da publicação Almanek Laemmert, de 1937.

Fecularia Franco LTDA. **Fábrica Farinha Capão Bonito**

O olhar sobre o patrimônio industrial é um estudo recente e propício para descobertas sobre a produção da cultura local. As fábricas e as indústrias tem importância econômica, histórica e social, pois carregam em si as relações de trabalho e as relações com a comunidade com as quais dialogam.

Única fábrica entre os 12 pontos escolhidos para esta pesquisa, a Fecularia Franco Ltda. é conhecida pela população simplesmente como fábrica de farinha Capão Bonito. Localizada entre os limites da Vila Santa Rosa e o Centro, a fábrica está na memória de gerações há mais de seis décadas. Relatos carinhosos descrevem o cheiro marcante do beiju vendido na porta da fábrica ao fim do dia, quando muitos estudantes por lá passavam na volta para casa. Quando foi fundada em 1958, a localização marcava o limite urbano da cidade, próxima à antiga fábrica de beneficiamento de algodão Nossa Senhora D'Ajuda, à Gruta de Nossa Senhora de Lourdes (onde fica o antigo chafariz) e mais a frente à estrada que ligava São Paulo ao Paraná. O fato de estar próximo à uma estrada importante e à uma fonte de água que até hoje abastece a fábrica mostra que sua localização não foi ao acaso.

De ascendência espanhola, José Franco Pérea nasceu em Rosário, Santa Fé, na Argentina. Imigrou com os irmãos para trabalhar em fazendas de café no Brasil e aqui casou-se com a filha de imigrantes italianos Matilde Forte. Depois de passar por Dois Córregos, Bauru e Avaí, mudou-se definitivamente para Capão Bonito em 1947. Antes de fundar a Fecularia, Franco possuiu uma carvoaria, um armazém e uma fábrica de macarrão, até que arrendou uma fábrica de farinha de milho local. Junto com os cunhados Armando Forte e Arnaldo Forti, planejaram e construíram com as próprias mãos a estrutura da fábrica. José Franco modernizou os meios de produção ao comprar maquinário moderno vindos de Itu e Limeira (alguns deles até hoje em funcionamento), compondo um sistema que podemos definir como um sistema de produção semi artesanal da farinha de milho, fubá e quirera.



Máquina D'Andrea fabricada em 1978, ainda em funcionamento na fábrica.



Campainha sirene que indica as pausas, hoje não mais em funcionamento.

O espaço construído da fábrica mantém a mesma estrutura de fachada de cimento chapiscado que até recentemente levava a cores cinza e amarelo quente- hoje estão nas cores amarelos e vermelho nos mesmos tons da embalagem do produto. O ambiente é composto por dois grandes salões principais, e um salão menor que se localiza entres eles. No espaço central, uma repartição que funciona como escritório e outra que funciona como área de empacotamento do produto final foram construídas posteriormente- essa última foi a mais recente área criada na fábrica. A entrada é pequena e discreta, passa por uma antessala até o salão onde o milho é armazenado e moído. Na antessala entre a entrada e o salão, é possível comprar alguns produtos que são vendidos a granel, como milho e quirera. No salão ao lado à sala onde fica o escritório, atravessando uma passagem com estilo arco romano, encontra-se a máquina mais imponente e marcante da fábrica: o forno de torra. As caldeiras são acesas logo cedo, quando a fumaça toma conta do ambiente. Depois de atingir a temperatura desejada, o milho moído e azedado nos tanques localizados na área externa logo ao lado, é colocado sobre a chapa circular e torrado lentamente até chegar ao ponto de beiju e depois em farinha. É nesse processo que o cheiro característico da fábrica se espalha pelo ambiente e se estende pela rua.

A culinária regional

A relevância da fábrica de farinha de milho para a comunidade é inegável. A fábrica mais antiga ainda em funcionamento no município, seu valor tangível está presente no maquinário, nas instalações e na paisagem urbana. Porém, sua longevidade e importância material revela respectivamente a relevância e a manifestação física de uma relação muita mais essencial com a comunidade: a gastronomia local a base de milho.

A atividade de mineração que deu origem ao primeiro povoado e que mais tarde resultou nas cidades desta região, tinha como característica temporal a curta permanência dos mineradores nos pontos de trabalho. Essa característica também era presente na cultura tropeira, bastante presente no imaginário da formação capão bonitense. Em ambos os casos, para que a locomoção fosse possível, o tipo de alimento deveria ser durável e de

fácil transporte. No caso dos tropeiros, o toucinho e a carne seca (charque), o feijão e as farinha de mandioca ou milho. O trabalhadores das minas criavam porcos e conseguiam fazer uma roça de ciclo mais curto, como a do milho e por isso, era muito presente a farinha do milho.



Inserir Legenda. Foto: Verônica Volpato, 2022.

A influência indígena na região é o principal fator de influência na alimentação tradicional hoje. Kaigangs e Guaranis, habitantes muito mais abundantes há 300 anos do que hoje, cultivavam e guardavam uma enorme variedade de milho, que hoje chamamos de milho branco, estecão, cateto, mipudo, palha roxa, pipoca, pipoca roxa entre outras variedades crioulas adaptadas a nossa região. Cultivadas pela agricultura familiar local, em áreas rurais onde ainda é possível encontrar monjolos e fornos totalmente artesanais, essas sementes convivem com as grandes plantações de milho transgênico

no estado de São Paulo, e carregam uma riqueza genética ainda não estimada e uma cultura imaterial rica e marcante nas cidades da região.

A alimentação a base de milho é, portanto, uma cultura viva nas cidades do sudoeste- se estendendo parcialmente até o Vale do Ribeira. Pratos feitos a base de milho verde precisam de muitas mãos para o feitiço, por isso pamonha, mingau de milho, suco de milho, entre outros, são consumidos nas frequentes festas do milho verde, que envolvem toda a comunidade, geralmente para fins beneficentes ou religiosos. Só em Capão Bonito, são pelo menos 4 festas durante o ano e algumas chegam a envolver mais de mil pessoas na organização, cozinha e vendas. Já os pratos a base de farinha de milho

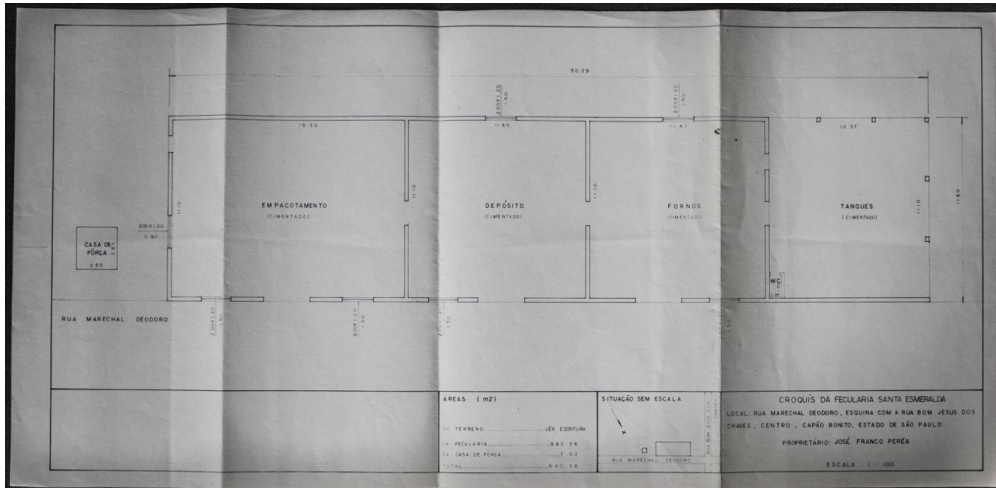
são de rádio preparo e consumidos diariamente nas casas, inclusive na merendo escolar da rede municipal. O mais popular são os virados e suas variedades: virado de milho, de queijo, de feijão, de banana e a famosa paçoca de carne, prato tradicional carregado durante viagens e romarias. Entre os pratos citados, destaca-se ainda o bolinho de frango, o rojão e o pastel de milho, todos registrados como patrimônio de cidades da região. Pode-se afirmar sem dúvidas, que a farinha de milho está presente em todas as casas de Capão Bonito.



Fachada com acesso principal. Foto: Verônica Volpato, 2023.



Detalhe da calçada com cacos de lajota paulistana. Provavelmente as letras significam "Empresa Franco e Franco", primeira denominação oficial da fábrica, 2023



Planta original, sem data.



Moagem do milho. Foto: Verônica Volpato, 2023

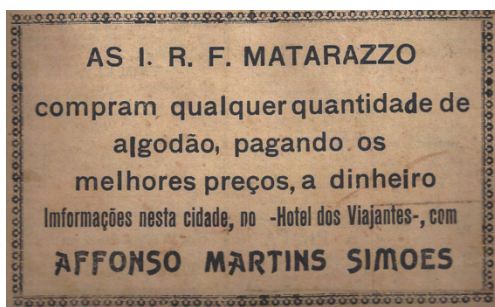


Vista para o corredor de passagem que liga todas as salas do galpão. Foto: Verônica Volpato.

Centro Quero Vida Machina N S D'Ajuda

O local onde hoje acontecem as atividades do Centro Dia de Atendimento ao Idoso – Quero Vida, é uma das construções remanescentes do período em que a produção da cultura do algodão estava fortemente presente na Região Sudoeste. Hoje, com campos de milhares de hectares ocupados pela soja, a maioria das pessoas que vivem no local nem imaginam que, há um século, Capão Bonito chegou a ter 4 beneficiadoras de algodão¹⁵.

A origem da economia de algodão no Brasil se divide em duas fases importantes: a primeira foi a produção durante os séculos XVI e XVII no norte e nordeste, com destaque para o Maranhão e Pernambuco, e a segunda foi durante a Guerra da Secessão norte americana (1860-1875) que afetou fortemente a produção das plantações sulistas.



Anúncio de O Imparcial em 20 de agosto de 1916.

Com a falta de matéria prima a já consolidada indústria têxtil inglesa passou a incentivar a produção em outras locais, principalmente no Brasil e na Índia. Apesar da diminuição da demanda de algodão brasileira com o fim da guerra e a superioridade na tecnologia de produção americana na sua retomada, o Brasil continuou a manufatura no século XX, tendo

hoje como principais produtores os estados de São Paulo e Paraná.

No Sudoeste Paulista a produção foi mais intensa no fim do século XIX e estendeu-se até as primeiras décadas do século XX como principal atividade agrícola local e até mesmo regional. Consta no anuário de 1909 da então Diretoria do Serviço de Propaganda e Expansão Econômica no Estrangeiro que Capão Bonito possuía pelo menos duas beneficiadoras de algodão 3 em 1937 o Almanak Laemmert publicou o dobro de beneficiadoras. Em 1927, a exploração da Comissão Geográfica e Geológica (CGG) do Estado de São Paulo na região de Sorocaba, Itapetininga, Buri, Itapeva, Itaporanga, Sete Barras, Capão Bonito, Ribeirão Branco e Itararé, culminou na publicação de 1927 que relata, entre outras coisas, que “... o valor desse território imenso que é bem diferente

¹⁵ O beneficiamento de produtos é o processo de aprimoramento de um produto para que ele seja comercializado. Neste caso se trata do processo de descascar e descarçar o algodão.

dos outros do Estado pelo seu terreno, pela sua cultura e pelo seu clima. A exploração do solo é feita de um modo muito variado e o produto que culmina na produção é o precioso algodão que aí encontra ótimos elementos para a sua extensa cultura e benefício.” As fotografias da expedição mostram a presença de beneficiadoras de algodão em São Miguel Arcanjo, Itapeva (antigamente chamada de Faxina), Itapetininga

Industriaes. — *Engenho*: Existe um, de propriedade de Francisco Ferreira d'Assumpção.

Machinas de beneficiar algodão:

Existem duas, sendo uma de propriedade de Fidencio Rodrigues de Carvalho, cap. e outra de propriedade de Annibal Venturelli.

Machina de serrar: Uma, de propriedade de Antonio Rodolpho.

Olarias:

Alberto Rianchi.

Faustino Barreto.

Francisco Miguel de Moraes.

Domingos Matharazzo.

Publicação de 1909.

e Capão Bonito. Ainda no relato da CGG informa a indústria de algodão como a principal da cidade de Itapetininga, que chegava a produzir 130.000 arrobas da mercadoria. É provável que essa grande produção abastecesse as 5 fábricas de tecido de algodão, além de vários teares, localizados na microrregião de Sorocaba.

Hoje restam duas construções, cuja origem está na época áurea da cultura de algodão no município. A antiga Machina São José, localizada na rua 7 de Setembro, funcionou por muitos anos como loja de material de construção e mantém da porta e janelas de formato e tamanho originais. A segunda é o tema deste capítulo, a Machina Nossa Senhora da Ajuda. As duas fotografias mais antigas desta construção mostram a fachada de tijolo à vista. Originalmente composta de um galpão com porta de acesso central e duas janelas posicionadas uma à direita e outra à esquerda, alinhadas pela altura à porta principal e com bandeiras que ocupavam metade de seu tamanho. Duas colunas separam a entrada das janelas e vão até o ápice do frontão triangular. No centro do frontão acima da porta lê-se em letras de mais ou menos 40 centímetros de altura: MACHINA N.S. D'AJUDA. Logo acima um ornamento redondo pode indicar a presença de um relógio. Com o tempo, o galpão ganhou uma extensão à esquerda, completando assim a sua forma atual de dois galpões maiores ligados por um galpão menor.

Embora alguns afirmem que a Machina N. S. d'Ajuda foi propriedade do imigrante libanês Nagig Ozi, essa informação não pôde ser comprovada no curso da pesquisa. Por muitas décadas o galpão ficou abandonado, funcionando por um período como depósito de mercadoria. No início dos anos 2000 ele foi adquirido pelo Município de Capão Bonito e em 2012 inaugurado como espaço de convivência para idosos – Quero Vida. Sua reforma é o único exemplo na cidade de construção histórica bem adaptada a utilização, que não a original, respeitando a sua história. Conduzida pela arquiteta

Renata Venturelli, a reforma respeitou a estrutura original dos galpões, mantendo as amplas janelas e portas e deixando a vista algumas paredes de tijolos à vista. No jardim de entrada estão obras do escultor capão bonitense Leci Medeiros. Sem dúvida esse é um excelente exemplo de como um bem histórico pode ser utilizado pela comunidade sem que perca suas características.



Antes da reforma, 2011. Foto: Verônica Volpato



Durante a reforma, 2011. Foto: Verônica Volpato

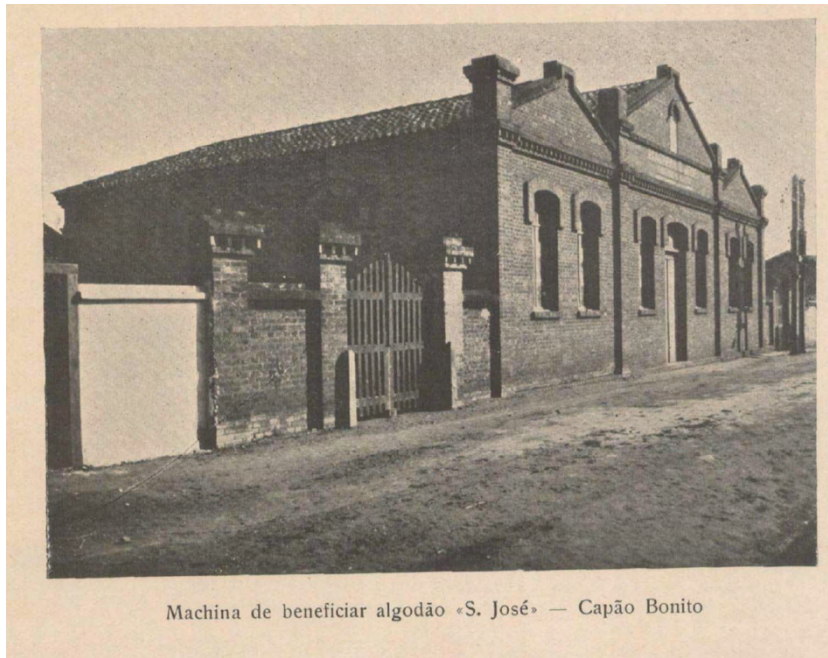


Sem data. Acervo Assis.



Comissão Geográfica e Geológica (CGG), 1927.





Comissão Geográfica e Geológica (CGG), 1927.



Comissão Geográfica e Geológica (CGG), 1927.



Machina de descarçar algodão Santa Maria — S. Miguel

Comissão Geográfica e Geológica (CGG), 1927.

CAPÃO BONITO

Lavoura do algodão

CAPÃO BONITO 7 (Do correspondente da "Folha da Manhã") — Está em sua phase final a lavoura algodoeira deste municipio, cuja produçção não foi altamente compensadora.

Para o anno é promettedor o exito do "ouro branco" neste municipio, onde os lavradores, com as recentes noticias vindas do commercio da capital, estão preparando grandes plantações.

ESTRADA DE RODAGEM — Encontra-se na cidade um engenheiro do Estado que veio estudar o terreno da estrada de rodagem que se acha em construcção.

Taes estudos, segundo estamos informados, serão feitos entre S. Miguel Archanjo e Capão Bonito.

PELO ENSINO — Para reger uma das escolas deste municipio em S. Antonio do Apsahy-Mirim, foi nomeado o prof. Benjamin Reginato, que já tomou posse da cadeira.

Folha de São Paulo, 1933. Pesquisa de Roberto Sabino.

MACHINA DE BENEFICIAR ALGODÃO
NOSSA SENHORA D'AJUDA
CAPÃO BONITO

NOTA DE PESADA N. _____

O Ilmo. Sr. *João Damazio Soares*

Saccos	Kilos	Saccos	Kilos	Saccos	Kilos
	122		Galvão		J. Damazio
	122		118		127
	115		114		120
	113		112		122
	<u>472</u>		116		369
	8		460		6
	<u>464</u>		8		363
			452		Gugano
					120
					2
					<u>118</u>

1929

Kilos total \$ _____
 Preço por a. \$ _____
 Importa. em \$ _____
 Data *31/11/29*
 O pesador *Atílio d. J.*

Typ. Camillo Lellis - 11.851

Nota de pesada de 1929. Acervo Jango Perna.



Inserir Legenda. Foto: Verônica Volpato, 2022.

Cemitério Nhô Felix

Cemitério Felice dos Santos ou Cemitério dos Doentes



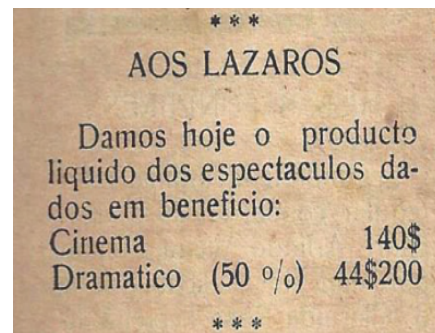
Visão interna do cemitério Nhô Félix. Foto: Verônica Volpato, 2022.

Dentro da área do Patrimônio, os Estudos Cimiteriais apresentam vastas possibilidades de abordagem. Perspectivas históricas, artísticas, sociológicas, antropológicas, mais especificamente crenças religiosas, genealogia, etnologia, questões de saúde e sociedade estão presentes em todas as formas de sepultamento. Os cemitérios da área urbana e rural de Capão Bonito tem um grande potencial e estudos, conteúdo estilos variados e túmulos de mais de 150 anos. Para esse levantamento escolhemos um cemitério simples, talvez o mais simples da área urbana, e que conta a história de um período difícil para um grupo social bastante estigmatizados, os portadores de hanseníase.

Antes de falar do popularmente conhecido “cemitério dos doentes”, é interessante saber que o formato de sepultamento como conhecemos hoje ainda não tem dois séculos de existência no Brasil. Herança dos hábitos portugueses desde a colonização, no Brasil não indígena predominava a prática de enterrar os mortos dentro de igreja e capelas, ou ao redor delas. O enterro dentro da igreja estava reservado as famílias nobres e aos padres e bispos, já o espaço exterior era destinado para a população comum, incluindo os escravizados. Hoje sabemos que essa prática não está de acordo com as normas sanitárias, mas até meados do século XIX, era esse o costume. Alguns relatos do século XVIII mostram que havia exceções. Surto de doenças contagiosas deste período indicavam o conhecimento sobre os perigos a saúde que mortos de moléstias contagiosas podiam

oferecer e, nesses acasos, os sepultamentos aconteciam fora do perímetro urbano, durante a noite e fechado ao público. Essa prática era emergencial e assim que os surtos passavam, os mortos voltavam á ritualística religiosa. A proximidade com os mortos e o espaço sagrado, assim como com as práticas rotineiras dos vivos, indica que a relação com a morte era familiar e próxima, além de marcada pela noção católica de “boa morte” e redenção.

A partir do século XIX, as práticas higienistas da medicina se fortaleceram depois de surtos de cólera-morbo, não sem resistência da população e da igreja. Na metade do século, São Paulo já tinha seu primeiro cemitério secular extramuros e ia se transformando a paisagem urbana brasileira.



Com idade estimada em mais ou menos 100 Anúncio de O Jornal de 1920

anos, o cemitério Nhô Felix ainda é desconhecido pela maior parte da população local. Sobre seu surgimento pouquíssimo se sabe. A revista *Capão Bonito- Amor Infinito* relata a fundação do cemitério em 1910 pelo líder e defensor dos portadores da doença Felix Gabriel dos Santos, de onde originou-se o nome Nhô Felix: “ Em 07 de Janeiro de 1910, Nhô Félix fez um requerimento junto a Câmara Municipal de Capão Bonito, solicitando



Vista parcial do cemitério com 15 túmulos, 2022.

um terreno que pertencia à Municipalidade para plantar capim. Mas, como o terreno se localizava no reduto dos hansenianos, uma região desvalorizada, e o cemitério da cidade não aceitava os doentes, ali se instalou

a necrópole dos leprosos.” Infelizmente não foi encontrada a ata que contém o citado requerimento. A informação sobre a doação de um terreno é confirmada no volume II do livro *História da Lepra em S. Paulo* de Flávio Maurano:

“Há anos a Camara doou uma faixa de terreno nos subúrbios desta cidade e nela foram então construídas, pelos morféticos existentes nesta cidade, diversas casas pequenas. Seus internados foram removidos para o Asilo Colonia de Pirapitingui. Não existia sociedade destinada a proteger os morféticos, sendo a assistência a eles, durante o tempo que ali estiveram, livre, dada pelo povo.”¹⁶

Ainda segundo Maurano, essa informação foi dada pela prefeitura de Capão Bonito através do ofício 353/38 no dia 5 de março de 1938. Tal ofício não pode ser encontrado no arquivo morto da cidade, que estava em situação muito precária, tendo sido destruído por um incêndio poucas semanas depois.

Em 1989, o vereador Abner Batista da Silveira deu nome ao cemitério como é conhecido oficialmente hoje.



Única inscrição existente no cemitério

O uso da palavra lepra foi descaracterizado em 1995 por ser considerado pejorativo e carregado de preconceitos perpetuados até recentemente. A hanseníase é uma doença crônica causada pela bactéria *Mycobacterium leprae* cujos sintomas são a perda da sensibilidade das mãos, braços, pernas e pés, incluindo os olhos, fraqueza muscular, feridas que não curam entre outros sintomas leves, que, se não forem tratados, pode causar lesões severas e irreversíveis. Altamente estigmatizada na época do surgimento do cemitério, a doença ainda não tinha cura e seu contágio tornava os doentes pessoas a serem evitadas de qualquer forma. Os portadores, também chamados então de lázaros, sofriam exclusão social. Em 1904 tornou-se obrigatória a notificação da doença para isolamento domiciliar¹⁷ e era comum que os doentes fossem excluídos do convívio social e eram segregados em áreas afastadas da cidade. Sabe-se que a partir da criação de hospitais colônias, sanatórios e colônias agrícolas, muitos foram compulsoriamente internados nestas instituições.

A entrada do cemitério Nhô Felix é discreta e passa despercebida facilmente. Entre o gradeado e o portão de entrada, existe um pequeno jardim e uma passagem com bancos de alvenaria entranhados e pintados de azul. Logo na entrada, um pouco

¹⁶ MAURANO, Flavio. História da Lepra em S. Paulo. Volume II. P.81

¹⁷ <https://hansen.bvs.br/>

encoberto por uma árvore de pequeno porte, vê-se o cruzeiro simples e pequeno, apesar de ser mais alto do que a mais alta sepultura do cemitério. Todos os túmulos são horizontais em alvenaria, pintados de branco, abrigando a carneira na parte interna. Não há ornamentos, o que indica uma retidão perante a morte por uma doença socialmente marcada, ou talvez a indicação do poder econômicos das famílias dos mortos. Parecem estar dispostos de maneira mais ou menos aleatória. Alguns estão rachados e danificados, mas em geral podemos dizer que estão bem conservados. Parecem pequenos em comparação as sepulturas de um cemitério comum. A mais próxima do cruzeiro se destaca por ser o único em formato de arco com carneira alto. Também chama a atenção uma forma de túmulo geminado contraposto que dividem a mesma lápida, embora nela não haja nenhuma inscrição. A maioria dos túmulos não tem lápide e apresentam em seu lugar a base para uma cruz em metal de aproximadamente 30 cm coberta por uma pintura amarela ocre. Algumas tem as extremidades em ponta de lanças, outras com extremidades arredondadas e duplicadas abertas ou fechadas. Esse último estilo está presente nas duas colunas do portão de entrada do cemitério. O único túmulo com informação apresenta o nome e a data de falecimento e, infelizmente, não foi possível rastrear a origem da pessoa ali enterrada. Sabe-se apenas que se chamava Thereza Leandrina do Espírito Santo, falecida em 23 de maio de 1929.



Imagem do muro visto de dentro do cemitério revela diferentes camadas com diferentes cores de diferentes épocas. Fotografia: Verônica Volpato, 2022.



Túmulo com carneira interna e lápide com formato geométrico, sem inscrição. Fotografia: Verônica Volpato, 2022.



Túmulo com carneira e lápide geométrico compartilhada. Fotografia: Verônica Volpato, 2022.



Registro do formato original do muro entorno do cemitério com tijolos simples. Fotografia: Verônica Volpato, 2022.



A esquerda no canto esquerdo: túmulo com carneira externa arredondado e lápide encimada com cruz de ferro. No centro: Pequeno cruzeiro com quatro de graus encimado com cruz de ferro e presença de canteiros nos quatro cantos. Fotografia: Verônica Volpato, 2022.



Cruz de ferro “chumbada” no túmulo. A maior parte das cruzes apresenta camada de tinta amarela. Fotografia: Verônica Volpato, 2022.



Jardim e portão de entrada sustentado com duas colunas e encimado com duas cruzes de ferro. A placa foi colocada na década de 1980 por ocasião da lei que nomeou o cemitério como conhecemos hoje. Fotografia: Verônica Volpato, 2022.

Romaria

Realizou-se hontem ás 10 horas a grande romaria à Villa dos Lazaros, nos suburbios desta cidade.

Depois de reunidos na Praça Ruy Barbosa, grande numero de caminhões e carroças de lenha,romeiros vindos de diversos bairros e euorme massa popular, tendo á frente a corporação musical São Vicente, seguiram para a Villa, onde foi feita a distribuição, tanto de lenha, como de generos alimenticios e muitos auxilios em dinheiro aos pobres doentes.

Relato de romaria até a “Villa dos Lázaros”. Recorte do jornal A Gazeta, 16 de Junho de 1932.

Coreto



Coreto centenário na praça Edmundo Cacciacarro. Foto: Verônica Volpato, 2022.

O coreto e sua tipologia arquitetônica pode ser considerada uma das mais simpáticas estruturas presentes nas praças urbanas no interior do Brasil. Sua presença ativa a memória afetiva popular de um tempo romântico em que tudo era mais simples e a convivência nos espaços comuns dos passeios públicos era calorosa e musical. Palco de bandas, orquestras, serestas, campanhas políticas e eventos religiosos, esse pequeno palco ornamentado centraliza a cultura de algumas gerações.

Os coretos surgiram no século XVIII na Inglaterra e seu uso está claramente indicado no seu nome inglês *bandstand*, em

francês *Tribune de musiciens* ou *kiosque à musique*, no alemão *Musikpavillon*, em português, coreto, que remete ao coro da igreja, onde se faz orações faladas ou cantadas. Portanto, a existências do coreto e sua instalação nas praças públicas indica claramente uma forte cultura musical do final do século XIX e início do século XX no Brasil. As bandas musicais eram bastante populares nesse período. Surgiram algumas décadas antes com a chegada da família real e tinham formação militar (por isso eram frequentemente fardadas, sendo formada por militares ou civis). Há registros sobre o primeiro concerto de banda realizado em Sorocaba no ano de 1898 por ocasião da inauguração de um coreto.

Até 1960, a praça da Matriz, que naquela época era chamada Largo da Matriz, era cercada por arame farpado e estava sob os cuidados da igreja. Em 1916, o prefeito

Estevan Dantas retirou a cerca, instalou bancos, canteiros e o coreto, que lá permaneceu até a reforma da década de 1960 sob a gestão do prefeito Abílio Elias Daniel. Durante esse período foi utilizado para apresentações musicais e comícios, sendo o ponto central da vida social e política capão bonitense por mais de 4 décadas. Entre outros indícios, o fato de ter sido retirado do centro da cidade e a remontado na vila São Judas Tadeu, indica que o coreto é um exemplar do período da arquitetura de ferro no Brasil. Predominantes no início do século XX, essas construções eram feitas de ferro forjado, o que permitia sua reprodução, e suas peças podiam ser compradas em catálogos e montadas no local. Muitos eram importados, mas alguns foram produzidos no país.

O coreto que hoje se encontra na praça Edmundo Cacciacarro tem formato hexagonal e está erguido sobre uma base de alvenaria em dois níveis, também chamada de soco, porém não corresponde ao original, que era mais largo e elevava o coreto numa altura significativamente mais alta que a atual. O seu interior é acessado por uma escada reta e ladeada por dois corrimões com grade em ferragem e pintada na cor branca. O guarda corpo tem balaústre também em ferragem branca com desenho orgânico se parece com o gradeado da escada, porém elaborado com desenhos espelhados. Os seis pilares marrons sustentam a cobertura bastante característica, provavelmente com chapas metálicas aparentes vistas de baixo, na mesma cor das pilastras. Essas são arrematadas com arabescos e mãos francesas no beiral, com desenho simples em formas orgânicas, também na cor branca. O beiral tem estrutura também da cor marrom que parece funcionar como calha e indica não fazer parte do projeto original. Por fim, a cobertura em placas de ferro tem curvatura elegante na cor azul e é terminado por um ornamento em formato de harpa, diferente, no entanto, da peça que coroava o coreto originalmente, o que aparentemente se manteve por um tempo mesmo depois da remoção do coreto para a praça onde hoje se encontra.

Compositor Edmundo Cacciacarro (1890-1962)

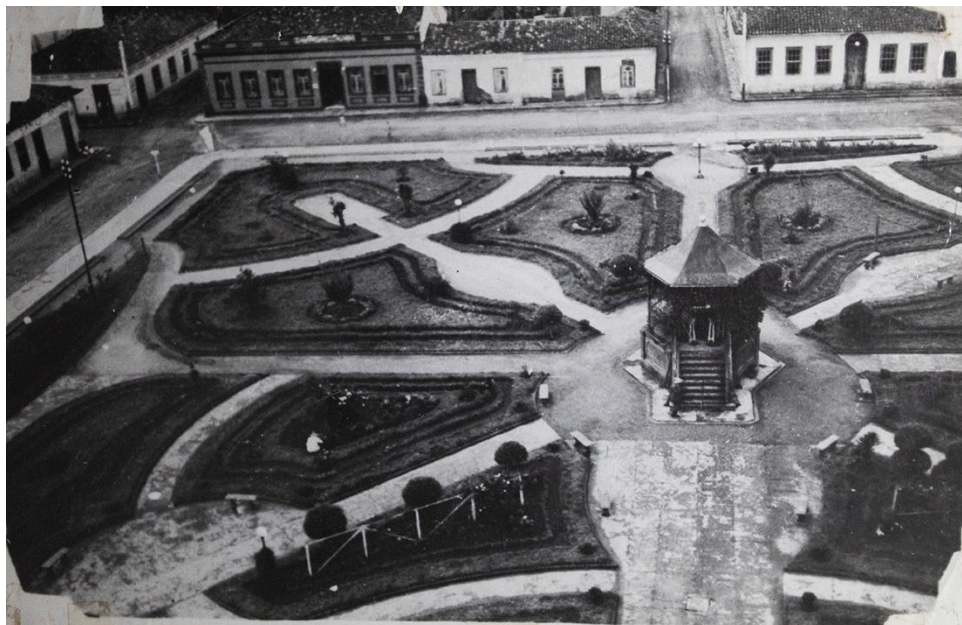
A praça onde o coreto está localizado leva o nome de um dos mais importantes músicos da história de Capão Bonito. Italiano nato, chegou ao Brasil com sua família em 1898. Seu pai, Francisco Cacciacarro, veio contratado para ser maestro da banda de música do Corpo de Bombeiros da cidade de Santos-SP, mas permaneceu pouco tempo como regente, pois recusou-se a trabalhar fardado. Depois de uma peregrinação pelo

interior paulista, foi chamado para reorganizar a banda de música de Capão Bonito do Paranapanema e no seu lugar enviou seu filho, a quem tinha ensinado a tocar e reger.

Depois de cumprir sua missão com a banda de Capão Bonito, Edmundo foi para a capital para cursar o Conservatório Dramático e Musical, voltando ao interior em 1910, data de sua composição mais antiga já localizada. É a partir de então que começa a carreira artística como arranjador, mestre de banda, instrumentalista e, acima de tudo compositor. Em Capão Bonito fundou a banda “Civilistas” e em Buri a “Banda da Mocidade”. Em São Paulo foi contramestre da banda da Guarda Civil e em Itapetininga foi convidado para dirigir a corporação musical “Lira de Itapetininga”, conhecida pela sua originalidade e formação técnica. Pode-se considerar que a cidade de Capão Bonito foi o início e o alicerce de sua carreira: foi aqui que constituiu família, fez amigos e compôs centenas de músicas durante sua vida. Se despediu dela rodeado pela família aos 72 anos, apenas um mês após dirigir pela última vez a banda local, a “7 de Setembro”, executando só músicas de sua autoria. Não por acaso o nome da praça onde se encontra o único coreto da cidade leva seu nome, ambos símbolos incontestáveis da importância da riqueza musical da nossa cidade.



Lira que substituiu a original. 2023



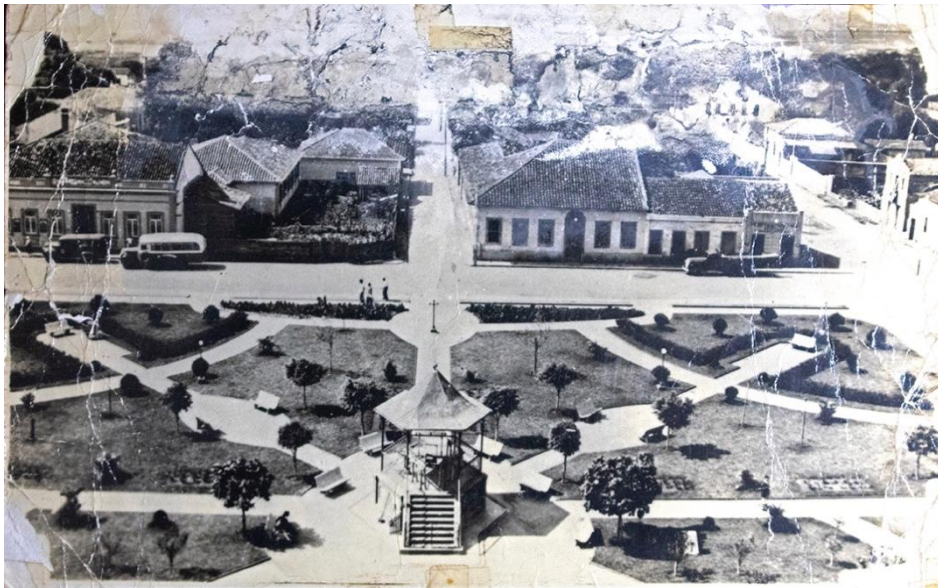
Vista da Igreja da Matriz, é possível observar que a estrutura do coreto era mais alto do que hoje. No verso se encontra inscrição a lápis: "...data aproximada de ano de 1930." Autor desconhecido. Acervo Junior Tallarico.



Vista para a Igreja Matriz onde se vê o coreto, Autor desconhecido. No verso consta a data de 1936.



Imagem da praça da Matriz com soldados. Capão Bonito, 1932. Fonte: Wikipedia.



Vista da Igreja Matriz. Autor desconhecido. Acervo Junior Tallarico.



Vista para a praça com torre de água ao fundo. Provavelmente depois da década de 1940. Autor desconhecido.



Coreto com cavaletes. Sem data. Acervo Joubert Galvão.



Prefeito Raul Venturelli discursando. Década de 1960. Autor desconhecido. Acervo Junior Tallarico.

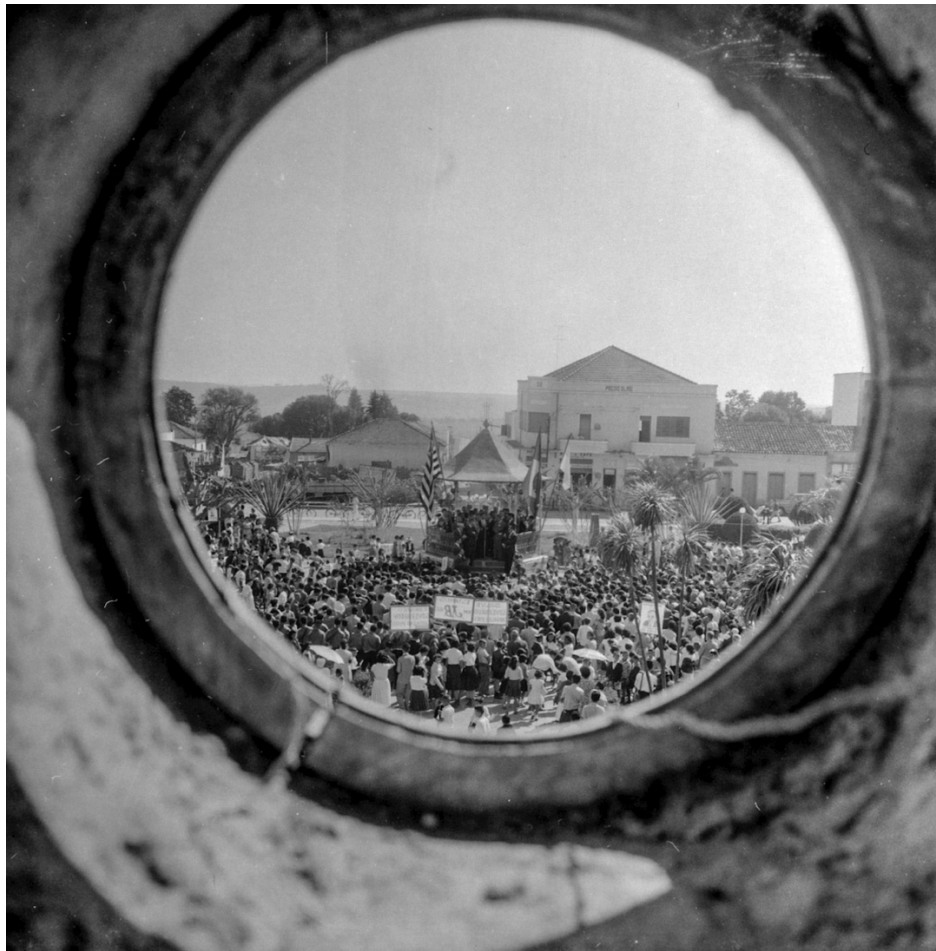


Imagem a partir da torre da Igreja Matriz de campanha eleitoral. Provavelmente década de 1960. Autor desconhecido. Acervo Arquivo do Estado de São Paulo.

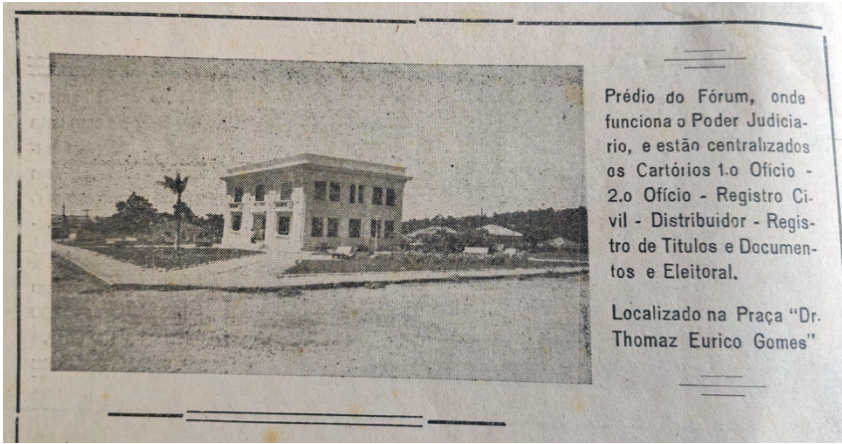
Sec. Municipal de Educação Fórum Velho



Vista para o fórum. Fotografia sem data, autor desconhecido. Acervo Assis

Segundo a família de Faustino Barreto, foi ele, quando prefeito, conseguiu a verba para a construção do fórum, assim como a cadeia pública e a escola Raul Venturelli. A construção do fórum se iniciou sob o governo estadual de Jânio Quadros (Partido Trabalhista Nacional) em 1957 e foi concluída no ano seguinte com o governador Carvalho Pinto (Partido Democrata Cristão), constando então seu nome na placa fixada na fachada do prédio. Inaugurado em 1958, consta um pedido de reforma do espaço no ano de 1962.

O prédio foi uma substituição ao antigo fórum e cadeia pública localizado atrás da igreja, onde hoje é um estacionamento. Típica construção da época, o belo prédio de dois pavimentos, apresenta nas grandes janelas do térreo um gradil muito parecido com o prédio tombado na cidade de Sorocaba pelo Condephaat. Essas construções faziam parte do projeto do governo do Estado de São Paulo para a presença republicana através das construções que abrigavam e separam de forma clara os poderes, visando arquitetonicamente falando, uma estrutura imponente, sóbria e geometrizada.



Prédio do Fórum, onde funciona o Poder Judiciário, e estão centralizados os Cartórios 1.º Ofício - 2.º Ofício - Registro Civil - Distribuidor - Registro de Títulos e Documentos e Eleitoral.

Localizado na Praça "Dr. Thomaz Eurico Gomes"

Edição especial da Tribuna Sudoeste, 1973. Autor Desconhecido.

E.M. Prof^a Jacyra Landim Stori

Grupo Escolar de Capão Bonito



Vista da escola na rua Benjamin Constant. Autor desconhecido, por volta de 1940

A questão da educação era urgente no surgimento da primeira república. A divulgação do censo em países centrais na virada do século mostrava a posição degradante na qual o Brasil se encontrava: os dados de 1890, por exemplo, indicavam que 85,21% da população era iletrada.¹⁸ Inspirada na ideologia positivista de August Comte¹⁹, reformas estruturais do ensino primário e secundário foram aplicadas entre 1889 e 1925. É nesse período então que o governo de São Paulo através do Decreto Estadual nº 248, de 26 de setembro de 1894, cria o Grupo Escolar. Essa implementação, que se inspirava nas escolas surgidas na Europa e posteriormente nos Estados Unidos, mudou a história do ensino público primário no país, homogeneizando os grupos de alunos sob a orientação de um só professor e criando o cargo de diretor escolar. Além de uma nova estrutura administrativa e hierárquica, esse movimento pela educação colocou a

¹⁸ Citando PAIVA. Clark, Jorge Uilson. A Primeira República, as Escolas Graduatedas e o Ideário do Iluminismo Republicano: 1889-1930. Coleção "Navegando pela História da Educação Brasileira" - 2006 Disponível em: <https://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/artigos/a-primeira-republica-as-escolas-graduadas-e-o-ideario-do-iluminismo-republicano>

¹⁹ Filósofo francês Auguste Comte é considerado o pai da sociologia e o fundador do positivismo.



Ornamento floral na moldura da porta de entrada e bandeira com grade em ferro. Foto: Verônica Volpato, 2022.

arquitetura como elemento de consolidação dessa nova modalidade de ensino, que também entendia o Brasil em sua fase de desenvolvimento urbano com necessidade de uma cultura escolar que se adaptasse a ela.

Segundo Clark “... o Projeto Educacional Republicano que entendia a educação como instrumento de desenvolvimento intelectual e moral, requisitos importantes para se alcançar o progresso nacional. Os grupos escolares surgiram como estratégia da elite republicana paulista constituiu um modelo de escola a ser implantados por outros Estados do país.”²⁰

As obras do Grupo Escolar de Capão Bonito foram comandadas pelo mestre de obras José Rodrigues de Proença (conhecido como Jucão) a partir de 1909 em terreno de 5.560 m² doado pela prefeitura sob a gestão do prefeito Heduvirges Luccas Lima Barbosa. Dois anos depois a escola foi inaugurada com 261 alunos matriculados, fechando o ano letivo com apenas 153 estudantes.

Respeitando as diretrizes inovadoras da época, as construções de eixo de circulação simétricos respeitavam preceitos de insolação, ventilação e higiene e separavam os blocos para cada sexo. O projeto específico para esta escola foi desenvolvido por G.B. Maroni, quem também projetou as escolas da cidade de Bariri, Fartura, Guaratinguetá, Itatinga, Hortolândia e dos bairros paulistanos da Liberdade e Santana. Maroni era conhecido por desenho de fachadas que se diferenciava das plantas padrão das escolas estaduais. O estilo clássico bastante simplificado, acompanha a tendência acadêmica do final do século XIX. Contendo uma sala para a diretoria e mais 4 salas de



Simetria vista de cima. Imagem Google Earth, 2022.

²⁰ Idem

aula para cada bloco, os dois conjuntos são unidos por um corpo central recuado e os sanitários foram instalados num galpão externo - o que estava de acordo com as orientações do Código Sanitário vigente desde 1894²¹.



São duas as entradas principais, uma para cada bloco lateral e não mais utilizadas hoje. Seu acesso se dá pelas escadas independentes ladeadas por corrimão em ferradura, portas de madeira trabalhada com bandeiras (para melhor iluminação) e frontões triangulares neo clássicos. Numa platibanda central ornamentada com coruchéu está escrito “Grupo Escolar”. As grandes janelas verticais com arco apresentam ornamento superior. As cores originais eram o branco e o bege e assim permaneceu por muitas décadas. Do corredor que une os dois blocos, duas escadas levam ao pequeno pátio descoberto e aos sanitários. Antes cercado apenas com arame farpado e cedrinho, hoje a escola tem muros e grades. A fachada é ornamentada. O prédio apresenta algo raro hoje em dia: um enorme porão, que tem a dimensão da área dos dois blocos principais, muito bem ventilado e que ainda hoje funciona como almoxarifado. Segundo relatos, o porão serviu de esconderijo durante a revolução de 32 e até 3 décadas atrás era possível ver as inscrições que os soldados deixaram naquele período. Sob a gestão do prefeito Abib Elias Daniel (1969-1972) a escola foi murada e reformada, sem alterações na sua estrutura original.

A escola leva o nome da professora Jacyra Landim Stori, nascida em 1906 em Itapetininga. Formou-se professora na Escola Normal Peixoto Gomide, segunda escola republicana paulista e primeira escola construída no interior. A construção das escolas e a demanda por professores primários resultou no surgimento de uma categoria de trabalho feminino, que ao contrário dos outros, era muito valorizado. Pode se dizer que para as mulheres moradoras de áreas urbanas, a profissão de professora foi um marco para sua inserção no trabalho fora do ambiente doméstico. Apesar da exigência de uma conduta impecável para a moral da época, a formação de professoras abriu para as mulheres um espaço determinante na sociedade paulista.

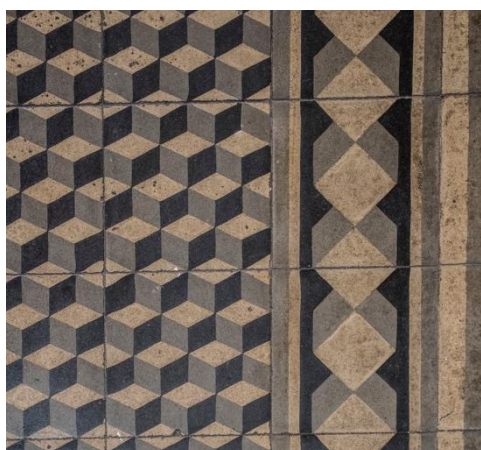
²¹ Coleção Patrimônio Paulista Vol. 4 p.21

Em 1935, a já formada professora Jacyra mudou-se para Capão Bonito e aqui continuou sua carreira no Grupo Escola. Em 1947 foi a primeira vereadora eleita na cidade, porém não assumiu o cargo, optando por permanecer no seu cargo público como professora. Faleceu aos 49 anos em 1955 e no ano seguinte a escola recebeu seu nome.

Em 2002 a escola foi tombada pelo Condephaat²² junto a outras 125 escolas republicanas paulistas do período entre 1890 e 1930.



Formatura, possivelmente anos 50. Autor desconhecido. Fotografia Acervos Assis/Ana Martins



Ladrilho hidráulico com padrão de cubo isométrico. Foto: Verônica Volpato, 2022

²² Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo.



Detalhe da porta de entrada. Foto: Verônica Volpato, 2022



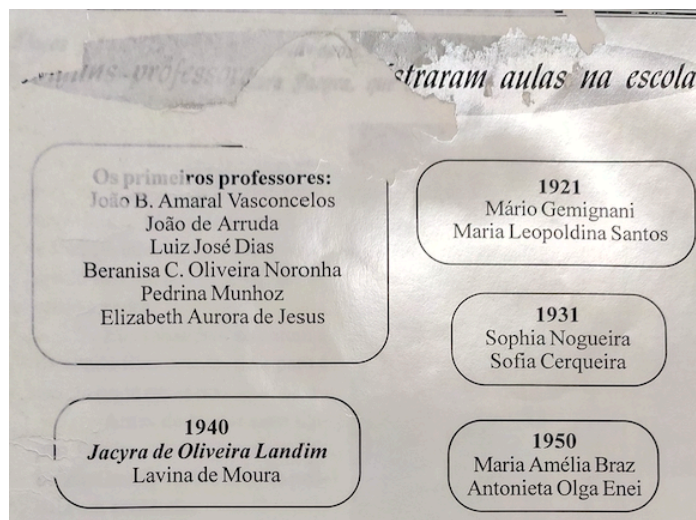
Vista da frente e do pátio da escola. Sem data. Autor desconhecido.



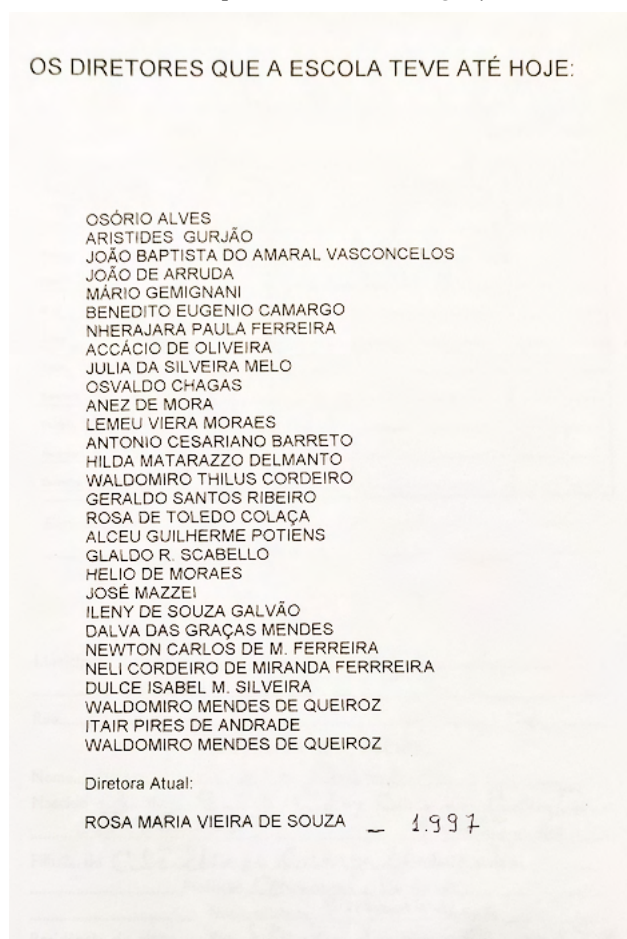
Vista para a escola, com cerca. Por volta de 1940. Autor desconhecido. Acervo Tallarico.



Retrato de alunos na escadaria do então Grupo Escolar. Professora Jacyra Landim Stori no alto da escada. Sem data, autor desconhecido. Acervo Joubert Galvão.



Primeiros professores da Escola Jacyra Landim, antigo Grupo Escolar. Trabalho realizado por alunos da escola Jacyra em 1997.



Lista de diretores da Escola Jacyra Landim, antigo Grupo até 1997. Trabalho realizado por alunos da escola Jacyra.



Imagem do porão da escola. Segundo relatos até algumas décadas atrás, havia inscrições nas paredes do porão, onde soldados da revolução se esconderam. Foto: Verônica Volpato, 2022.

Conclusão

Essa pequena, porém valiosa pesquisa, pretendeu reunir informações sobre 12 pontos importantes da nossa cidade. O resultado desse processo possibilitou revelar a riqueza guardada em cada construção e as histórias que elas silenciosamente nos contam. A experiência de descobrir a cidade e seus segredos só foi possível por conta da generosidade das pessoas que entrevistei, e que se prontificaram em contribuir, compreendendo que esse é um projeto necessário, urgente e colaborativo.

Houve muitos desafios, sobretudo na procura de documentos, pois não temos nenhum programa de proteção a memória na nossa cidade. Com alguma exceção, até mesmo os cartórios tem dificuldade no acondicionamento e catalogação dos registros mais antigos, além de apresentarem alguma burocracia para as consultas. Temos no estado de São Paulo, um bom programa de proteção da memória muito bem representado pelo Arquivo Público do Estado de São Paulo, e mesmo assim, pouquíssimas informações sobre o Fórum antigo foram encontradas, por exemplo.

Espero que esse primeiro volume seja seguido de outros. Durante o processo de pesquisa me surpreendi com a quantidade de pontos relevantes da nossa história, seu potencial de investigação e como as relações entre a população e a cidade são vivas. Foi possível constatar com felicidade, que o patrimônio faz parte do dia a dia da

população e está vivo nela e é, por isso, um campo muito fértil de estudos e desdobramentos.

Um exemplo de desdobramento foi transformação dessa pesquisa num produto turístico que explora o trajeto Histórico Patrimonial da cidade, ampliando a experiência do visitante e também da população local. A segunda fase desse projeto constituiu numa parceria com a rede municipal de educação para a formulação de planos de aula a partir dos pontos pesquisados, permitindo que haja uma sensibilização efetiva das crianças e adolescente para a preservação do patrimônio local. Além de colher frutos a médio e longo prazo, a articulação com as escolas possibilita um movimento importantíssimo hoje em dia: o sentimento de pertencimento, a construção de identidade e coletividade.

Referências

MAURANO, Flavio. História da Lepra em S. Paulo. Volume II. Serviço de Profilaxia da Lepra- Departamento de Saúde do Estado de S.Paulo (Brasil). Empresa Gráfica da “Revista dos Tribunais”. São Paulo, 1939.

Clark, Jorge Wilson. A Primeira República, as Escolas Graduadas e o Ideário do Iluminismo Republicano: 1889-1930. Coleção "Navegando pela História da Educação Brasileira" - 2006 Disponível em: <https://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/artigos/a-primeira-republica-as-escolas-graduadas-e-o-ideario-do-iluminismo-republicano>

Gordinho, Margarida Cintra. Patrimônio escolar, uma saga republicana. Coleção Patrimônio Paulista Vol. 4. Terceiro Nome. São Paulo, 2013.

Fachini, Cristina. Roteiro do Milho: cultura e culinária no Sudoeste Paulista. E-Book, 2019.

Relatório da Comissão Geographica e Geologica do Estado e S. Paulo. Exploração da região compreendida pelas folhas topográficas Sorocaba, Itapetininga, Bury, faxina, Itaporanga, Sete Barras, Capão Bonito, Ribeirão Branco e Itararé, 1927. Disponível em: <https://www.infraestruturameioambiente.sp.gov.br/institutogeologico/publicacoes/relatorio-da-comissao-geografica-e-geologica/>

Revista Capão Bonito- Amor Infinito. José Carlos Tallarico Júnior e editores. Capão Bonito. s/n